

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DA LITERATURA

TAINÁ DUARTE ALMADA

AS MARCAS DO LUTO E DA MELANCOLIA
NA MEMÓRIA EM *A DESUMANIZAÇÃO*, DE
VALTER HUGO MÃE

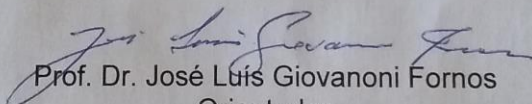
RIO GRANDE

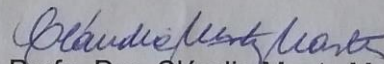
2019

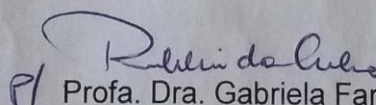
Tainá Duarte Almada

**“As marcas do luto e da melancolia na memória em
A desumanização, de Valter Hugo Mãe””**

Dissertação aprovada como requisito parcial e
último para a obtenção do grau de Mestre em
Letras, na área de História da Literatura, do
Programa de Pós-Graduação em Letras, da
Universidade Federal do Rio Grande. A
Comissão de Avaliação foi constituída por:


Prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos
Orientador


Profa. Dra. Cláudia Mentz Martins
FURG


Profa. Dra. Gabriela Farias da Silva
URI

AGRADECIMENTOS

Iniciar um novo projeto demanda dedicação, tempo, coragem e comprometimento. Abdicar de determinadas coisas é um caminho necessário para se obter êxito em uma conquista. Para obter o que se deseja, é necessário não apenas o envolvimento individual, mas a ajuda daqueles que estão próximos e que seria inviável deixar de mencionar aqui.

Primeiramente, agradeço imensamente ao Diogo Prado (vulgo meu marido), por acreditar em meu potencial e me inspirar todos os dias a ser uma pessoa e uma profissional melhor. Sem ele, essa dissertação não seria possível. Tão importante quanto ele, dedico palavras de gratidão para a minha filha Katarina que, por ser uma criança sensacional, colaborou para que esse projeto fosse finalizado, servindo como um fator motivacional. Aos meus pais César Almada e Eliseth Almada pela confiança e pela força que me deram no desenvolvimento desse trabalho, assim como dessa nova jornada.

Também menciono alguns amigos que foram essenciais para o meu percurso acadêmico, sendo eles: Priscila Morcelli, pelas palavras e por ser uma amiga única; Daniella Ivo, pelo carinho e presença nos momentos difíceis de minha vida; Kátia Mattos, pela confiança; aos meus professores da graduação pela Universidade Veiga de Almeida, Guilherme Guaral e Paulo Roberto Araújo; e demais amigos que contribuíram, de algum modo, ao longo desse caminho.

Não poderia deixar de mencionar importantes profissionais do PPGLetras da Furg que compreenderam e acrescentaram muito para esse estudo. Meu orientador, professor José Fornos; a professora Cláudia Mentz; professor Mauro Póvoas; professora Luciana Coronel e professor Antonio Mousquer.

Também menciono aqui a Capes, por me possibilitar a estudar com o auxílio de uma bolsa de mestrado, havendo a sensibilidade de proporcionar os quatro meses de licença maternidade, mostrando-se um fator crucial para a elaboração da dissertação.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo pensar sobre as categorias do luto e da melancolia, assim como a relação que estas estabelecem com a memória, que se fazem notar na obra *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe. Aqui, busca-se desenvolver uma visão crítica acerca dessas ideias, observando como as personagens são afetadas pelas sensações de perda, de tristeza e de dor. Um diálogo se estabelece com as mais variadas teorias, que abrangem desde a psicanálise de Freud, a filosofia de Nietzsche e Agamben, até estudos sobre a memória de Paul Ricoeur e Régine Robin. As bases teóricas citadas serão utilizadas para se pensar como as três categorias se encontram próximas, tornando as figuras da ficção complexas e fragilizadas.

Palavras-chave: Luto; melancolia; memória; literatura portuguesa; Valter Hugo Mãe.

RESUMÉN

El presente trabajo tiene por objetivo pensar sobre las categorías del luto y de la melancolía, así como la relación que establecen con la memoria, que se perciben en la obra *La deshumanización*, de Valter Hugo Mãe. Aquí, se busca desarrollar una percepción crítica acerca de esas ideas, observando como los personajes se vean afectados por las sensaciones de pérdida, de tristeza y de dolor. Un diálogo se establece con las más variadas teorías, que abarca desde el psicoanálisis de Freud, la filosofía de Nietzsche y Agamben, hasta estudios de la memoria de Paul Ricoeur e Régine Robin. Las bases teóricas referidas serán utilizadas para pensar cómo las tres categorías se encuentran próximas, convirtiéndolas en figuras de la ficción complejas debido a su condición compleja y debilitada.

Palabras Clave: Luto; melancolía; memoria; literatura portuguesa; Valter Hugo Mãe.

SUMÁRIO

Considerações iniciais.....	07
1 Valter Hugo Mãe: Vida, obra e fortuna crítica.....	12
2 As marcas do luto e da melancolia na memória em <i>A desumanização</i> , de Valter Hugo Mãe.....	15
2.1 O processo de luto: o objeto perdido.....	16
2.2 A estagnação melancólica: as profundezas da tristeza sem fim.....	30
2.3 Os fantasmas da memória: a dor da lembrança.....	54
Considerações finais.....	76
Referências.....	81

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A obra do escritor Valter Hugo Mãe possibilita se pensar nas mais variadas categorias que constituem, por assim dizer, aspectos presentes em uma sociedade que pode ser vista como uma instituição na qual existe a dificuldade em conviver com o seu semelhante. Em *A desumanização*, o autor apresenta algumas ideias de importância para o presente raciocínio, especificamente se tratando de objetos de reflexão como o luto, a melancolia e a memória.

Raciocinar acerca desses temas leva a considerar a influência de tais perspectivas no desenrolar da narrativa. Ver-se-á um luto que consome as personagens, uma melancolia que as coloca em um estado ora de apatia, ora de hostilidade, comprometendo aquilo que poderia ser visto como o lado “humano” de cada um, ou seja, suas características sociais. As personagens se encontram em um tipo de tragédia pessoal, na qual o centro é a morte de Sigridur, a perda de um ente querido.

Estruturar essa dissertação exigiu que se desse atenção a considerações como, primeiramente, o vínculo afetivo que se desfaz, entre cada personagem, no romance. A morte é, mais do que um acontecimento físico, uma metáfora que simboliza uma ruptura, que pode ser considerada como o afastamento dos familiares entre si, o término dos laços afetivos e mesmo o encerramento de qualquer pensamento esperançoso de se retornar a um ambiente de saúde mental e emocional.

Pós esse raciocínio, buscou-se refletir como o luto desestabiliza as personagens, direcionando-as para uma vida vazia, na qual cada um procura fugir, ou mesmo sucumbir, a essa dor. Há um pai ausente, perdido em seus pensamentos, elaborando uma espécie de “mundo à parte”, método em que aparenta ter a intenção de se preservar, não se deixar “destruir” pela perda da filha; uma mãe cujo a maneira de arcar com o fim da filha fora usar da violência contra si e contra outros; e uma irmã que, carregando o fardo de ser gêmea da que se fora, convive com mal tratos das pessoas que a cercam, julgando-a e, por consequência, atribuindo a ela uma culpabilidade.

Explorando o capítulo sobre o luto, observando como os constituintes da narrativa são envolvidos por tal categoria, notar-se-á a dependência destes para com o objeto perdido. Considera-se tal objeto como um ser querido, no qual se atribui uma considerável importância, estabelecendo uma relação de submissão quanto aquilo que se amava, percebendo como a perda transforma os indivíduos, muda-os totalmente.

Na sequência, falar-se-á da melancolia como consequência desse luto, um estágio em que a tristeza toma grandes proporções, afetando não somente o estado anímico do sujeito, mas como sua percepção de mundo. No caso da protagonista, por exemplo, a melancolia a direciona para uma tristeza sem fim, como também para uma dificuldade de aceitar a morte de sua irmã.

Igualmente, seus pais são dominados por esse sentimento, sendo comprometidos tanto nessa função paterna e materna, como no seu íntimo, pois o pai se afasta, pouco a pouco, da família, e a mãe apresenta diversos casos de descontrole emocional, demonstrando um comportamento raivoso. Tais características conduzem a análise, pensando-se nesse estado melancólico que vai de uma apatia, até o medo e a obsessão.

Ainda se atentará para um ponto de suma importância, intimamente relacionado ao luto e a melancolia, que se trata do fim, não apenas do objeto perdido, mas do prazer, ou seja, das razões de se continuar vivendo sem aquilo que servia, consciente ou inconscientemente, como motivação ou inspiração.

Como será visto no decorrer desse texto, as personagens aparentam ficar sem perspectivas positivas depois do acontecimento que age como catalizador das principais problemáticas na ficção. Estabelece-se o fim do prazer de se viver, já que nada mais possui sentido. Esse fator é fundamental para compreender o quão significativos são o luto e a melancolia na obra de Mãe, pois em cada situação tais sensações retornarão, para infligir dor e sofrimento.

O próximo passo será estabelecer um nexos entre o luto e a melancolia com a memória, ou seja, percebendo-se de que maneira a dor da perda, junto a uma tristeza sem fim, expressam-se, e mesmo adquirem maiores proporções, através do ato de lembrar. Levantar-se-á aqui a ideia de que é pela memória que sentimentos como o luto e a melancolia se intensificam, dominando o sujeito

devido a inúmeras imagens de um passado de sofrimento que tenta se manifestar na mente do mesmo.

Sendo assim, as personagens são dominadas por sensações negativas, advindas de sua própria capacidade de lembrar. Colocando-se questões como a insistência da figura materna em atribuir obrigatoriedade à sua filha viva em manter a aparência, como a recordação, da irmã que se fora. Há um domínio da lembrança daquele objeto perdido, funcionando como um fantasma que assombra cada indivíduo envolvido com esse ser que se foi.

Por consequência, o cenário do romance é impregnado por essas noções de perda, já que, a partir das lembranças, retomam-se as causas do sofrimento, as sensações de impotência e frustração. Acontecerá de refletir o quanto isso define o percurso de cada um, vendo-se que as decisões tomadas, como os ocorridos apresentados no romance, normalmente remetem, ou são estimulados, pelo luto e pela melancolia.

Sendo assim, a análise visa com que se perceba como um acontecimento difícil de se superar, que é a morte de um ente querido, desestrutura o indivíduo, alterando o contexto em que este está inserido, atribuindo diferentes significações para o que está ao seu redor, afastando a capacidade de expressar afetividade, ou mesmo de recondicionar a própria vida de um modo positivo.

Luto, melancolia e memória serão perspectivas que conduzirão a presente dissertação, com o enfoque de ver como a protagonista, e as demais personagens, são movidas por feridas emocionais, culpa e recordações de um passado que outrora foi belo, e se mostra, aos olhos de quem é dominado pela angústia da perda, um ambiente desprazeroso.

A base teórica a ser usada é constituída por pensadores que transitam entre a filosofia, psicologia e literatura. Pretende-se compreender as categorias aqui discutidas, representadas em uma obra literária, a partir de um olhar mais abrangente, capaz de refletir em diferentes áreas, contribuindo para uma melhor elaboração das reflexões a serem feitas.

Para tratar do tema do luto, as palavras de Freud se mostram mais do que necessárias. Discorrendo sobre a perda, e por consequência a relação de

dependência que se estabelece entre o enlutado e o objeto querido que fora perdido. O psicanalista apresenta esse ser que nada pode fazer para lidar com as sensações de perda, e igualmente de culpabilidade por esta, já que o seu mundo fica sem quaisquer sentidos.

O teórico também traz, em seus escritos, pensamentos acerca da melancolia, vendo essa como um desenvolvimento do sentimento de luto, ou seja, uma categoria que surge através da sensação de vazio, advinda do fim daquilo pelo qual se prezava. Se antes o sujeito se encontrava emocionalmente abalado pela condição de “vítima do luto”, no caso da melancolia se estabelece uma tristeza de consideráveis proporções, as quais levam o então melancólico a sucumbir perante um estado que vai da apatia ao desprezo pela vida, pois o seu sofrimento o torna sem perspectivas.

Junto às ideias de Freud, debruçar-se-á sobre as colocações feitas por Walter Benjamin. Trabalhando tanto com a categoria do luto, como da melancolia, Benjamin se mostrará de muito valor para a presente análise, já que, devido a seus comentários, poderá se pensar no luto como algo sombrio, que direciona a vida do homem para o seu interior conturbado.

Já quanto a melancolia, Benjamin traz a relação dessa tristeza com a “queda do homem”, mostrando que, por causa de tal estado, o indivíduo se encontra sem forças para lidar com o mundo externo que o ronda, sentindo sempre que tem junto a si a carga negativa da lamentação. Não por menos, Benjamin destaca a ideia de que o melancólico sente como se estivesse rumo a um abismo.

Com o objetivo de melhor explorar tal ideia, usar-se-á as observações expostas por Giorgio Agamben, que pensa na melancolia intimamente relacionada ao prazer, ou melhor, a ausência de prazer do indivíduo para com a vida. Agamben destaca que, sem a vontade do melancólico de se desapegar de suas tristezas, ele cai em uma “prisão” de sentimentos negativos, sendo colocado em confronto com o cenário que o ronda.

Ademais, Agamben desenvolve essa perspectiva sobre a melancolia visando a sua proximidade com a noção do “fantasma”. Para o teórico, como será visto, a agonia do melancólico, motivada por uma grande tristeza,

atormenta-o ao ponto de o perseguir como um fantasma, surgindo a sua frente com o propósito de o colocar em uma situação na qual não possa fugir de seus temores, incapaz de lidar com a dor que o consome.

Do luto e da melancolia, a dissertação se encaminhará para tratar do tema da memória, vinculando esta aos assuntos mencionados. Ver-se-á a memória como um catalizador das categorias anteriores, considerando que, a partir da ação de lembrar, a sensação de perda, como a tristeza, vão dominando o sujeito. Pode-se dizer que as lembranças, e isso se referindo especificamente ao romance analisado, conduzem as personagens para a condição “destruidora” de enlutados e melancólicos.

Dentre os teóricos usados para sustentar as argumentações, destacam-se Paul Ricoeur e Régine Robin. Do primeiro, usufruir-se-á da questão da “presença do ausente”, apresentada com a finalidade de afirmar que a memória, constituída por um conjunto de imagens, retoma as impressões do passado, tornando-as quase que presentes. Ricoeur ainda considerará que as recordações possuem funções que vão desde algo de cunho social, como fatores relacionados a constituição do sujeito como indivíduo ciente de sua própria história.

Quanto a Régine Robin, o seu pensamento elabora a perspectiva de uma memória que satura, ou seja, que é envolvida a tal ponto pelo passado que não o suporta e, por consequência, causa um desgaste psicológico e emocional no sujeito, sendo este dominado pelo seu passado. Desse modo, Robin considera que a vida do sujeito, devido a sua aptidão em recordar, como a intensidade e descontrole que tal questão possui, é moldada pelo passado, influenciando assim o presente.

Logo, pretende-se aproximar as ideias de luto, melancolia e memória, mostrando como essas três são cruciais para o entendimento da ficção. Outros teóricos, como Nietzsche e Primo Levi serão seguidamente mencionados, pois tratam de temáticas como a dor, o desespero e o ato de incansavelmente recordar das experiências vividas, retomando-as descontroladamente. Esses aspectos serão utilizados para expor como as personagens elaboradas por Mãe são, pode-se dizer, direcionadas pelas categorias aqui estudadas.

1 VALTER HUGO MÃE: VIDA, OBRA E FORTUNA CRÍTICA

Valter Hugo Mãe nasceu em 1971, na cidade angolana de Saurimo, tendo durante a infância rumado para Portugal, fixando-se em Paços de Ferreira e logo após em Vila do Conde. Licenciou-se em Direito e é pós-graduado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. É considerado um dos importantes autores da contemporaneidade. Publicou diversas obras, tanto de poesia quanto prosa. Dentre elas estão: *O paraíso são os outros* (2017); *Homens imprudentemente poéticos* (2016); *A desumanização* (2013); *A máquina de fazer espanhóis* (2010); *O remorso de Baltazar Serapião* (2007).

O autor foi vencedor de prêmios como o “Prêmio literário José Saramago, em 2006, e o “Prêmio Portugal Telecom de Melhor livro do ano”, em 2010, entre outros. Valter Hugo, para além da escrita, estende a sua atividade artística às artes plásticas e a música. Também é apresentador de um programa de entrevistas, em um canal de televisão português.

As principais características de seus textos, em um primeiro momento de sua obra, baseiam-se na influência a qual possui de José Saramago, uma escrita em letra minúscula, sem pontuação padrão. É possível também notar que a maioria de suas histórias, com exceção da que será aqui estudada e de *Homens imprudentemente poéticos*, possui como cenário Portugal. Em todos os seus livros de prosa, é perceptível o apreço do autor em trabalhar com minorias e temas polêmicos, como a homossexualidade, o abuso que sofre o trabalhador, a solidão, dentre tantos outros.

Sobre a fortuna crítica do escritor, encontraram-se diversas produções acadêmicas na Plataforma Lattes, principalmente dos romances *O remorso de Baltazar Serapião*, *O filho de mil homens* e *A máquina de fazer espanhóis*. Do romance *A desumanização*, averiguou-se a existência de poucos trabalhos acerca da obra, havendo apenas três artigos e uma dissertação de mestrado.

Entre os artigos, estão “*A desumanização: do luto à melancolia no romance de Valter Hugo Mãe*”, escrito por Angélica Catiane da Silva Freitas, que

trata da melancolia como uma característica do sujeito contemporâneo e da importância da literatura em abordar tal tema, sendo feita uma análise da personagem Halla e sua relação com o luto e a melancolia, a partir de uma perspectiva freudiana, demonstrando como tais aspectos são capazes de afetar a identidade da protagonista no decorrer do romance.

No texto “Os fiordes da literatura: o duplo em *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe”, de Rafaella Cristina Alves Teotônio, aborda-se o tema do duplo na literatura, na sua configuração como linguagem e representação, pensando a produção literária como uma extensão da sociedade e do mundo, atuando como uma outra perspectiva da realidade, múltipla em sentido. Tem como uma de suas principais bases teóricas Maurice Blanchot (1907-2003).

Já em “*A desumanização: as metamorfoses do corpo e da alma na obra de Valter Hugo Mãe*”, Teotônio propõe discorrer quanto aos diversos romances do autor, dentre eles *A desumanização*, analisando a condição humana metamorfoseada, ou seja, representada em elementos da natureza, animais e máquinas. Ademais, comenta quanto a ideia de construção do indivíduo a partir dos outros que o cercam, presente na ficção de Mãe.

Na dissertação “*As desdobras da morte em A desumanização*, de Valter Hugo Mãe: entre espelhos e narrativas”, produzida por Thiago Maciel Guimarães, reflete-se o tema da morte na narrativa, observando os sentidos e níveis metafóricos desta, analisando como a perda da irmã afeta Halla em um sentido não somente emocional, mas existencial. Do mesmo modo, faz-se presente em tal trabalho acadêmico a ideia de duplo, o espelho que representa as irmãs gêmeas e, conseqüentemente, a identidade e o ligação que acaba sendo comprometida pelo fim da vida de uma das gêmeas.

Tratando-se da repercussão do romance na imprensa, o jornal português “Jornal de notícias”, em sua página na internet, traz uma reportagem, do dia 20/10/2013, em que destaca o anúncio do lançamento da obra no Brasil, em 2014. Na entrevista, Mãe afirma que a questão principal do livro é a espiritualização e conquista da solidão, acrescentado que “queria transformar aquela ilha numa meditação lenta e profunda. A Islândia remete à pureza, ao lugar onde o mundo começa outra vez” (MÃE, 2013). Questionado pelo jornal

para que tipo de leitores ele indicaria o livro, o escritor destacou pessoas com inspiração “estética” e atentos ao “esplendor de expressão literária.

Em matéria do “Estadão” (jornal brasileiro), há um mês antes do romance ser lançado no Brasil, é apontada a mudança expressiva de cenário em que se ambienta o romance, destacando-se uma personagem feminina como narradora. Um ponto salientado na entrevista por e-mail é a presença da melancolia, como algo que domina o espaço em que se passa a história. Questionado sobre a força da literatura atual, o autor afirma:

A literatura importa para estas coisas profundas. Ela não precisa pensar em todas as pessoas do mundo, ela fala de todas as pessoas do mundo de qualquer modo. E quem tiver a fortuna de ler, pode ter a fortuna de mudar, de melhorar. De se sentir intensificado na experiência de viver. (MÃE, 2014)

A Porto Editora, em 14/03/2016, traz uma nota quanto ao lançamento do livro de Valter Hugo Mãe na Islândia. Comentando a importância do evento que ocorreu em Reiquiavique, capital do país, o qual contou com a presença de famosos locais, evidenciando a qualidade do escritor português. Segundo o autor islandês Sjón, o livro *A desumanização* é “um romance fascinante” no qual “Valter Hugo Mãe utiliza recursos do cancionero popular e da narrativa fantástica para perscrutar a imaginação islandesa, conduzindo os leitores a um confim do mundo cujo as personagens encaram os seus destinos em voltas num belo manto de palavras”.

No panorama geral, a fortuna crítica citada teve como objetivo ressaltar produções que examinam *A desumanização* e temáticas que se relacionam com a proposta de trabalho pretendida. As relações de morte, de duplo, de melancolia, de luto e humanidade agregam melhores condições para uma análise aprofundada da ficção do escritor.

2 AS MARCAS DO LUTO E DA MELANCOLIA NA MEMÓRIA EM A DESUMANIZAÇÃO, DE VALTER HUGO MÃE

O romance *A desumanização* apresenta como cenário os fiordes Islandeses, tendo o enfoque principal a morte da personagem Sigridur, e as consequências desta fatalidade em sua família. Estes reagem das mais distintas formas, devido ao grande impacto da perda que desestrutura o núcleo familiar¹. Temos uma irmã que, após a perda, sente-se incompleta, desorientada e solitária, vendo-se obrigada a tentar manter a memória viva da irmã que se fora. Uma mãe que não conseguindo suportar a dor, acaba por infligir sobre si mesma e na filha violentas agressões físicas. Não menos importante, a obra traz a figura de um pai que, para não arcar com esse ambiente familiar destruído, usa de seu trabalho como fuga, assim como de reflexões de cunho poético.

A sociedade e o espaço geográfico também contribuem para ressaltar o sentimento de abandono e dor nesta família, pois as condições do ambiente causam uma sensação de precariedade e solidão nas personagens. Os relacionamentos sociais são afetados, provocando uma fragilidade na convivência de cada cidadão, mostrando-se que o egoísmo, o tradicionalismo, a religião se sobrepõem a sensibilidade dos indivíduos entre si. Contribuindo para destacar a sensação de isolamento emocional e psicológico que cada personagem carrega.

A noção de perda é um tema relevante na narrativa, os acontecimentos que ocorrem na ficção estão relacionados com a morte ou com a ausência de algo. Igualmente, os discursos e posturas adotadas têm como causa, em um sentido geral, a morte. Nesse contexto, temos indivíduos extremamente machucados e perturbados tentando suprimir as suas dores para continuarem vivendo, mesmo após os golpes aterradores que vão ocorrendo.

¹ Ao se observar o título da presente dissertação, pode-se questionar as razões de destacar, e isso ainda ocorrerá mais vezes durante a análise, de abordar a questão do núcleo familiar. As categorias de enfoque nesse trabalho afetam as personagens como a instituição família em si.

Essa sociedade moralista², esse espaço solitário, somados às perdas geram efeitos em uma outra categoria de grande importância na ficção que é a identidade. Tem-se a identidade comprometida pela obrigação de carregar a memória de outro, o apagamento de um passado que acaba por se mostrar inacessível e a ausência daquilo que se amou. A partir disso, há o surgimento de fatores como a tristeza e a loucura, que acabam por fazer parte da ideia de melancolia, relacionadas intimamente com as mais variadas privações que se apresentam na obra.

Luto e melancolia serão as categorias a serem analisadas na presente dissertação. De igual relevância, aparece a memória como fator que intensifica esses dois sentimentos³. Pretende-se observar de que maneira se expressam essas ideias, como será possível notar, o primeiro passo é o de refletir acerca da morte de Sigridur e como tal acontecimento desencadeia as demais situações dentro da narrativa. Prosseguindo-se, poderá ser vista a relação que se estabelece com a memória e a melancolia, as quais permitem com que se aprofunde mais as possíveis consequências que o fim de um ser amado pode causar.

2.1 O processo de luto: o objeto perdido

A categoria do luto se encontra presente na humanidade desde que a mesma atentou para a significância que há na perda, refletindo em como a ausência de algo precioso pode afetar o sujeito. O vazio que advém do luto causa um sofrimento considerável, que consome não só o emocional, mas os próprios pensamentos. A partir da perda, muitas vezes relacionada a ideia de morte, aquele atingido pelo luto se sente afetado por uma espécie de dor, a qual se fixa em si por um determinado tempo.

² Entende-se por sociedade moralista aquela que é apegada a um conjunto de valores, os quais podem ser vistos como tradicionais, ou seja, no caso um grupo de pessoas que tem, de modo consideravelmente definido, determinadas opiniões acerca de diferentes assuntos e situações. No do romance, a religião e a cultura daquele vilarejo definem os valores.

³ É importante enfatizar que a ideia de memória, aqui explorada, está intimamente vinculada aos sentimentos do luto e da melancolia, agindo como um intensificador. Tal colocação será abordada no decorrer do texto.

Devido ao luto, o sujeito se torna um ser à parte daqueles que o cercam. O enlutado possui peculiaridades, que podem desestruturar e impossibilitar um enquadramento na sociedade. Entretanto, deve-se ter ciência que há um aprofundamento do próprio sujeito nesta questão. Carregando em si uma reflexão constante sobre a vida, a morte e o significado de sua existência a partir de um sentimento de ausência. Pode-se dizer que a sua existência muda radicalmente após a perda daquilo que prezava, tornando-o um ser diferente.

Sigmund Freud, em *Luto e melancolia*, reflete acerca do efeito causado pela perda do objeto querido. No seu ver, o luto gera um vazio, no qual o sujeito se desestabiliza emocional e psicologicamente, sentindo que a vida deixou de ter qualquer sentido. Nesse contexto, o fim daquilo que amava resulta em marcas nesse ser enlutado, que o deixam sempre em busca de um modo de readquirir o que não possui mais, o que deixou de existir.

Freud diz que “O luto, via de regra, é a reação a perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal, etc” (FREUD, 2011, p. 47). Essa definição permite com que se observe as consequências que a morte de um ente querido pode gerar. Tal questão será abordada, ao tratar da ficção de Valter Hugo Mãe.

No romance, o impacto da perda no núcleo familiar da personagem Halla acarreta em consequências dolorosas. Dentre elas, neurose, tristeza, violência, solidão, fim da afetividade e, principalmente, o sentimento de luto. O lar é destroçado pela morte de Sigridur, e tem como repercussão um clima mórbido e um afastamento das personagens que, não sabendo lidar com a dor da perda, sucumbem.

O encerramento de uma vida de forma abrupta gera um grande impacto nos indivíduos, modificando o percurso da existência daqueles que restam. Halla, sentindo tal ocorrido, afirma que parte de si se fragmentou após o fim de sua irmã: “Tudo em meu redor se dividiu por metade com a morte” (MÃE, 2014, p. 9). O fim do objeto perdido gera sofrimento, pois aquele que perde o que amou também perde parte de si, ou seja, esse objeto amado possui relação com o enlutado, sendo um fator que constitui o sujeito. Este se sente mutilado por existir

em um mundo sem o seu ser mais precioso, vendo tal cenário como uma punição, já que nada pode trazer de volta aquilo que se foi.⁴

Há um vínculo de dependência com esse objeto, uma ligação forte. Inclusive, Freud afirma que causa um desgosto para o enlutado “o afastamento de toda e qualquer atividade que não tiver relação com a memória do morto” (FREUD, 2011, p. 47). É essencial para o enlutado tentar reforçar o laço com o objeto perdido, sempre procurando enfatizar que houve uma perda.

Tal questão ocorre constantemente no vilarejo em que reside as personagens, como no próprio núcleo familiar, principalmente pela questão de Halla ser gêmea de Sigridur, possuindo uma aparência similar à irmã que morreu, uma espécie de elo que se expressava nas palavras ditas pelos cidadãos do vilarejo: “Começaram a dizer as irmãs mortas. A mais morta e a menos morta. Obrigada a andar cheia de almas, eu era um fantasma” (MÃE, 2014, p.13).

Por mais que esse núcleo familiar quisesse se afastar desse objeto perdido, olhar para Halla era ter constantemente a imagem daquilo que não podiam mais possuir, gerando sentimentos aflitivos. Halla se sente obrigada a viver por duas, sua mãe afetada por perder uma filha, pensa ser inaceitável não manter a lembrança de Sigridur.

A protagonista questiona a insistência dos familiares em persistirem conservando a imagem da irmã morta: “Eu sabia bem que aceitar a morte da minha irmã era um egoísmo e contradizia muito a família. [...] Até certo ponto, isso também me reconfortou. Não saberia aceitar a sua morte. Sentia muita revolta. [...] Éramos parte de um mesmo todo” (MÃE, 2014, p. 19).

Percebe-se que a ausência de tal ente querido ronda essa família. Há, como se nota no desenvolver da narrativa, o desejo por parte das personagens de ter uma vez mais esse objeto que amam. Um fator como a aceitação inicial não existe em um cenário desse tipo, porque o luto se mostra como uma

⁴ Como é possível perceber, o luto não se trata simplesmente de uma perda, a qual ocorre para, em uma sequência, ficar no passado. Pela perspectiva de Freud, que se apresenta uma leitura possível a se fazer no romance, o enlutado se encontra em uma condição de “perda total e constante”, pois tal questão se manifesta como se este sempre estivesse sucessivamente sentindo o fim do que lhe era querido.

sensação ruim consideravelmente recente. Vive-se e revive-se o ressentimento da perda, Halla é, principalmente na primeira parte da ficção, um reflexo da irmã morta, a qual sintetiza a vontade de seus pais de ter, uma vez mais, Sigridur presente: “A olhar a charneca, quieta, o mar adiante, eu esperava uma salvação. A chegada dos heróis. O regresso absurdo de Sigridur” (MÃE, 2014, p. 19).

Uma das impressões que se mostram na obra é como essa família é incapaz de existir no momento, os pensamentos deles se localizam em um ser que não mais existe, em algo que desapareceu. Pontos esses que indicariam as razões as quais fazem com que, por exemplo, Halla ande perdida no vilarejo, assim como sua mãe apresente uma postura perturbada. Freud diz que as ações do enlutado nada mais são do que consequências de um sofrimento, que é gerado pela perda. A existência desse tipo de sujeito demonstra ser confusa, já que seu núcleo, que era o objeto amado, deu lugar a um remorso intenso.

Sendo assim, qualquer situação capaz de se distanciar da figura do morto é irrelevante, pois seu mundo dependia daquilo que se foi. O ambiente traz uma noção de tanta incerteza que o enlutado “não é capaz de compreender conscientemente o que ele perdeu” (FREUD, 2011, p. 51), suas motivações parecem ser mesmo impulsionadas pela dor e o vazio, comprometendo a sua realidade, deturpando as ações que adota.

As relações afetivas acabam por ser, de certo modo, direcionadas por esse luto, que dita o rumo da narrativa. Quando Halla se relaciona com Einar, indivíduo rechaçado por ela e pela irmã, vê-se a construção de um vínculo baseado em uma dependência de cunho emocional, principalmente que o mesmo faz ressurgir as lembranças de Sigridur. Einar é um instrumento de ligação “material e espiritual” entre as duas jovens, recordando Halla dos momentos que passou junto a irmã:

Estávamos furiosamente habituadas a cair e a esfolar os joelhos e as mãos quando fugíamos do Einar. Comparávamos as feridas. Queríamos ter as feridas iguais. Quando tínhamos as feridas iguais até ficávamos felizes. Como se o Einar nos fizesse o mesmo mal. Como se representasse o mesmo desgosto para as duas. (MÃE, 2014, p. 22)

O repúdio a Einar, curiosamente, é um fator de utilidade para Halla, por ser possível continuar tendo relação com alguém que traz de volta sentimentos e impressões relacionadas ao objeto perdido. Todavia, essa proximidade se resume somente a Einar, já que, com relação ao vilarejo em si, Halla cada vez se distancia mais, sentindo-se longe daquela população. O luto gera um deslocamento do sujeito, como se ele se encontrasse apenas de corpo no local, mas seus sentimentos, como sua mente, estão fixados no fim do que lhe era estimado. O enlutado, por essa perspectiva, vive incansavelmente o término do objeto que lhe era precioso.

Halla não se permitia deixar esquecer, esquecer especificamente da imagem da irmã, como se tivesse sido estabelecido entre elas uma espécie de contrato, um vínculo eterno de uma existir pela outra. Promessa que acaba por consumir, desgastar a protagonista, evidenciando uma dependência da existência, mesmo que imaterial, do objeto perdido. Tal questão resultava, ainda, em uma dificuldade de Halla aceitar a morte de Sigridur, pois se há o sentimento de dependência, motivado por esse luto, é como se a irmã continuasse a existir.

Freud afirma que a fixação do enlutado, em seu objeto perdido, resulta em uma inércia, uma paralisação emocional, como se o sujeito fosse incapaz de administrar os seus sentimentos de angústia. O teórico define alguém com essas características como um doente, sem forças para se reerguer. Lógico, por mais que Freud defenda que o luto passa, que existe um trabalho de superação de tal estado, é necessário apontar que a perda desse objeto gera uma marca, uma espécie de trauma, chegando ao ponto de que esse sujeito não mais se reconhece, sente que há uma ruptura em si: “Assim, a perda do objeto se transformou em a perda do ego” (FREUD, 2011, p. 61).

Forma-se um conflito no sujeito, não somente com a exterioridade, mas com o seu próprio interior. Aquilo que ele deseja, que ele precisa, é a sua fonte de sofrimento. O curioso é que o enlutado percebe isso, porém não é apto, em um primeiro momento, para se desligar do objeto perdido. O seu desejo se mostra mais importante do que suas emoções, como a sua saúde mental e física. Pode-se dizer que ocorre uma diminuição de si mesmo, uma ferida emocional que se resume em “um amor que não pode ser abandonado, ao mesmo tempo que o objeto o é” (FREUD, 2011, p. 67).

Dessa forma, a sensação é a de que se está em uma prisão, sem possibilidades de escape, já que são os sentimentos do indivíduo que o mantém assim. No caso de Halla, tais sentimentos são ressaltados por sua aparência semelhante com a irmã que faleceu, assim como a relação próxima que possuíam, pontos que contribuem para exacerbar a ligação pós-morte entre ambas.

Tais observações se apresentam sintetizada em dado momento da narrativa, na qual Sigrídur faz a seguinte pergunta para a protagonista: “[...] e durante a morte vais pensar em mim, e vais ao cabeço espiar as baleias para que eu veja as baleias durante a morte. [...] Vais sentir a minha falta. Halla, tu achas que eu vou poder saber o que passa durante a tua vida e saber se sentes a minha falta” (MÃE, 2014, p. 24).

A submissão de Halla, por essa promessa, define sua trajetória, como a finalidade de sua existência. Torna-se um dever não deixar Sigrídur desaparecer, questão que, com o passar do tempo, transforma-se em um fardo. O luto acaba por adotar um caráter de demasiada responsabilidade, pois os sentimentos originados pelo objeto perdido agem como um ferimento difícil de se arcar. Tal fator é ressaltado pela relação que Halla possui com os seus familiares, a qual se transforma em um verdadeiro horror, por causa do desaparecimento do objeto perdido.

A dor que se originou pelo fim de Sigrídur culmina em uma ruptura nos membros da família, comprometendo os afetos. A desestabilização desses entes intensifica a sensação de amargura, de tristeza advinda da morte que os atingiu, conduzindo-os a um cenário de descontrole emocional, assim como de falta de perspectiva. Fatores, pode-se dizer, manipulados pelo sentimento de luto, que não permite às personagens conduzirem suas vidas sem essa sensação de perda.

As personagens necessitam ratificar a presença de Sigrídur constantemente, para manterem as lembranças que os definiam como pai, mãe e irmã. Observa-se que os laços que os uniam estão completamente fragilizados, ou mesmo destroçados. Por isso, ressaltar a presença de Sigrídur é tentar

contornar os problemas, dissimulando a atmosfera de morte que os cerca⁵, ideia que se mostra no diálogo entre Halla e seu pai: “Perguntei-lhe se dizemos o nome de Sigridur era manter-lhe a beleza, como manter-lhe a vida. Ele respondeu que sim. Era exatamente isso. Eu tive vontade de dizer o nome da minha irmã em voz alta. [...] Estava subitamente viva” (MÃE, 2014, p. 27 - 28).

Devido à dificuldade em manter as relações familiares, o pai adota uma postura de afastamento, inclusive mantendo pensamentos perdidos, vagos, e a mãe acaba por ceder a um comportamento doentio e perturbador, desferindo em Halla as suas dolorosas frustrações, tornando-a refém dos sentimentos deles. A combinação de devaneios, por parte de um, e hostilidade, pelo outro, destacam a capacidade do luto em afetar as particularidades do psicológico dos sujeitos, evidenciando como estes não mais serão os mesmos, por terem a mente e o emocional comprometido pelo teor mórbido que os rodeia.

Poderia se definir os familiares da protagonista como o “maníaco” apresentado na psicanálise de Freud, o qual tenta, de alguma maneira, escapar do sofrimento, apelando para os mais diversificados artifícios que se mostram normalmente ineficazes para suprimir a dor da ausência. Como aponta o teórico, “como um faminto, o maníaco sai em busca de novos investimentos de objeto” (FREUD, 2011, p. 77), os quais às vezes funcionam, mas que, em outras, não surtem o desejado efeito.

No caso das personagens, fica claro que o pai não apenas se enfoca em devaneios que o deixam ainda mais perdido, mas necessita adotar tal postura, do mesmo modo que a mãe usufrui da violência, sendo estas ações com a finalidade de mascarar um sofrimento que domina cada um deles. Nota-se que, no fim das contas, essa tentativa de escape apenas piora a situação, pois a realidade deles é dominada pela imagem da irmã morta naquela que sobreviveu, lembrando-os de que são submissos ao objeto perdido:

⁵ Durante a narrativa, percebe-se que o estado de luto instiga as personagens a criarem uma espécie de “ilusão”, que serviria como base para essas não aceitarem a morte de Sigridur. O melhor método, como se disse, é buscar trazer a imagem dela, seja pela fala ou pelas lembranças.

O meu pai [...]. Pensava em assuntos importantes e, com vagar, dava-lhes respostas profundas. Jurou que eu ainda encontraria muita felicidade.

[...] A minha mãe, por seu lado, perdera o modo de se apaziguar. Rejeitava cada coisa. Era rigorosa, não desculpava ninguém e não se desculpava. Estava em guerra. Não sabia nada, na verdade, punha as mãos às cegas no mundo. Como se estivesse viva no mundo morto. (MÃE, 2014, p. 27)

Seguindo o presente raciocínio, percebe-se como esse objeto de amor, que acabou por se perder, insiste em se fazer “presente” em cada ato ou comportamento das demais personagens. Sigridur age como se permanecesse ali não como a filha que antes fora, mas como uma ideia ou sentimento negativo, atormentando.

Em cada frase que desferem, vê-se resquícios do ser perdido: “Era como se a minha irmã nos assomasse à boca. Quase inteira. Abríamos a boca e ela estava lá. Estava em todo lado” (MÃE, 2014, p. 28). Sendo assim, a existência de Sigridur não desaparecia, constituindo-se como algo que insistia em continuar atingindo Halla e seus pais.

O luto gera interrogações na protagonista, um desequilíbrio entre o seu emocional e o seu psicológico. Ao pensar e falar sobre a irmã que morreu, surgia uma mescla de frustração e esperança, pois, ao mesmo tempo em que se acreditava que era possível a fazer presente pelas palavras, a vontade de Halla era de superar essa morte, não em um sentido de aceitação, mas como uma busca em torná-la novamente matéria física, viva.

Walter Benjamin, em *Origem do drama barroco alemão*, pensa no luto, em uma perspectiva da tragédia, como “a queda do homem”, a qual tem uma ligação com o “destino e a culpa” (BENJAMIN, 1984, p. 150-151), mostrando-se a primeira como efeito do destino e impulso para questionamentos profundos do sujeito para consigo e a sociedade. O pensamento benjaminiano atrela as consequências da realidade a um destino trágico, perspectiva que pode se aproximar com as ideias expostas no romance.

Por essa lógica, Benjamin afirma que “o destino conduz à morte” (BENJAMIN, 1984, p. 154), ou seja, possui uma ideia de inevitabilidade, um processo do qual não se pode escapar, ou mesmo desconsiderar. Contudo,

surge então essa noção de culpabilidade, consequência do amor direcionado ao objeto perdido que não fora capaz de salvar. Por isso, o sujeito se encontraria em um estado decadente, perspectiva essa que se mostra no contexto da ficção de Valter Hugo Mãe.

Tal fatalidade, que seria a morte de Sigridur, manifesta-se “igualmente presente entre as coisas” (BENJAMIN, 1984, p. 155), ou seja, presente no mundo que, como já indica Freud, fica vazio sem o ser querido. Logo, Halla “Andava a ver o vazio das coisas. Porque, sem a Sigridur, tudo perdera o conteúdo. Estava oco” (MÃE, 2014, p. 36), em sua realidade o sentido se perdera, uma dor, baseada no desaparecimento do que amava, dominava tudo ao redor. Sigridur era como a sua base, e sem ela a protagonista se via em constante tristeza.

Se, ao estar em posse de seu objeto querido, o sujeito expressa demasiada felicidade, sem o mesmo ocorre uma desintegração da realidade, assim como de seu próprio interior, que se despedaça. Vale ressaltar que não somente Halla sofre tais efeitos, sua família também sucumbe, cada um à sua maneira, mostrando as mais diferentes consequências do luto. A perda do objeto de apreço faz com que surja um desdobramento nesse luto, que se trata de um sentimento de ódio que impera, principalmente, na mãe das meninas.

Na incapacidade de salvar a filha, a personagem mãe direciona uma raiva descontrolada para Halla, que demonstra o quanto o luto gerou danos permanentes, mágoas que não são simples de serem superadas. Para a mãe, é insuportável conviver com a imagem do objeto que se foi, pensando que, ao desejar a morte de Halla, poderia ser o fim dessa dor que a consumia.

Em contraponto, a mãe tinha consciência de que Halla era quem teria condições de manter a lembrança de Sigridur viva. Mostra-se nítido que há um choque de ideias, como de vontades. Não por acaso, Freud pensa no estado do enlutado como um conflito “com uma ferida dolorosa” (FREUD, 2011, p. 85). A seguinte cena, citada abaixo, retrata tal embate de sentimentos:

Devias morrer, dizia ela ao deitar. A tua irmã está sozinha e não te pode vir acompanhar. Mas tu podes. Tu podes chegar à morte com

tanta facilidade. [...] E eu respondia: Não me peça para morrer, mãe. Ainda tenho muita vontade de fugir, foi o que me ensinou a Sigridur. Que agora também eu entendo o que é ser longe. E ela disse: se fugires, mato-te. [...] O único longe para ti há de ser a morte. Perto da tua irmã. (MÃE, 2014, p. 33)

O sofrimento sentido pela mãe transfere para Halla uma responsabilidade pela morte de Sigridur, como se ela carregasse parte da irmã em si. Disso, resultavam episódios de violência, na tentativa de expressar sua dor na filha, demonstrando como a ausência do objeto perdido não causa somente tristeza. Pelo contrário, modifica o ambiente, controlando tanto as emoções, como qualquer ação tomada. Benjamin diz que “Pois mesmo a vida das coisas aparentemente mortas adquire poder sobre a vida humana” (BENJAMIN, 1984, p. 155), ou seja, há um domínio da morte sobre a vida, como se a primeira “ditasse” as regras à segunda.

O luto, na narrativa, sobrepõe-se ao seguimento dos dias pós o evento fatídico, moldando-os de modo que as personagens infligem-se angústias, tanto consciente quanto inconscientemente, destacando como há uma ideia de submissão destes para com o objeto querido. Todos os seus atos estão envolvidos pela dor e ausência do mesmo, sendo a sensação mais significativa que, durante boa parte da narrativa, as personagens mostram ter.

Por consequência, tais fatores fazem com que a mãe diga para Halla que elas precisavam “sacrificar o coração. Não sentir e não temer” (MÃE, 2014, p. 33). Desse modo, atenta-se para como os relacionamentos da família se desestruturaram, pois um dos elos essenciais, a personagem Sigridur, desfez-se, resultando em uma nova configuração entre aquelas personagens, baseada em distanciamentos.

Por vez, o luto evidencia uma incompletude em Halla, a personagem não mais se encaixa como filha, e nem como cidadã em meio aquele vilarejo, ou mesmo no mundo. Ao sentir que nada mais possui sentido, Halla nota que esse estado em que se encontra lhe causa uma dor inigualável, pois ela não está somente triste, apareceu em si um tipo peculiar de agonia, que parece alterar o seu papel em meio a sociedade: “Estávamos todos por semelhante tristeza. Não

havia uma palavra para o explicar. Era real e não se pronunciava” (MÃE, 2014, p. 34).

A realidade se transformou em um espaço sombrio, redefinindo, para essas personagens, o conceito de angústia. O vilarejo julga, pune a protagonista, vendo-a como um “ser equivocado”, que se mantém existindo quando, na verdade, pelos padrões de valores que constituem aquele local, deveria partir junto com a irmã. Halla é vista como um erro, um fator que desestabiliza aquela sociedade, uma pessoa estranha:

Alguém dizia que a menos morta olhava de maldade, como se eu tivesse maldade e rogasse pragas à minha própria mãe. Afastei-me. Deixei-me oculta pelas colunas ao fundo, do outro lado da sala da grande igreja, a escutar apenas e a imaginar o lugar de cada um pelos passos batidos no chão. (MÃE, 2014, p. 117)

Nesse contexto, parece que inexistem outras alternativas de viver com esse tormento, pois qualquer episódio aparenta se relacionar com a irmã morta. Nas palavras de Benjamin, “o luto é capaz de intensificar e aprofundar continuamente a sua intenção” (BENJAMIN, 1984, p. 163), a qual seria a de afundar o enlutado em lamentos. Restava a Halla o desejo de fugir, adotando uma postura silenciosa e solitária, já que em si preponderava o desânimo.

A personagem se vê emaranhada em sentimentos contraditórios, que a impedem de enfrentar a realidade de se desprender da irmã. Aceitar que a irmã se fora era o mesmo que se permitir convencer de que o mundo, mais especificamente o seu “mundo pessoal”, havia ruído. Os sentimentos que ligam Halla à irmã provém da culpa por não ser bem sucedida em tal ação, o conflito que há em si é trazer a imagem de Sigridur novamente para a sua realidade e, ao mesmo tempo, querer desaparecer.

O fim do objeto perdido, idealizado por aquele que o amava, culmina em uma percepção negativa acerca da vida. Antes, o sujeito depositava o seu amor sobre tal ser, depois, sem este, resta o vazio de um futuro sem aparentes perspectivas. Em *As dores do mundo*, Arthur Schopenhauer pensa sobre a existência como um ambiente no qual o homem se depara, inevitavelmente, com

o sofrimento, que é, pelo menos em parte, de sua responsabilidade, sendo agente e vítima das próprias dores.

O filósofo observa que “consideramos o mundo como obra da nossa própria culpa, e portanto como uma coisa que não podia ser melhor” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 29). Tendo ciência de sua tristeza, a personagem vive em um cotidiano que é o reflexo dessa perda, um local que a instiga a padecer, reprimindo-a: “Como não me multiplico, sou uma metade insuportável que prefere não reconhecer” (MÃE, 2014, p. 37). É perceptível que, para Halla, não existem mais motivos para manter quaisquer vínculos em sociedade.

O ente querido que se fora deu lugar a uma existência sem finalidade, desfazendo qualquer possível rumo. Isso acontece devido a uma perda do prazer em viver, questão que Freud observa. Os laços, principalmente com aquilo que é querido, são formados a partir das sensações de prazer, de estímulos que dão motivos para se estabelecerem uniões entre os sujeitos.

A saída possível para amenizar essa tensão gerada pelo desaparecimento do objeto querido pode vir a ser, como aponta Schopenhauer, o uso de “sentimentos falsos”, a dissimulação, buscando dominar a dificuldade que é viver em uma realidade que se apresenta, principalmente para o enlutado, como árdua: “O nosso mundo civilizado não passa de uma grande mascarada. [...] Não são (as pessoas), porém, o que representam: são simples máscaras” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 131).

Enganar-se pode ser uma opção encontrada para arcar com o luto, permanecer firme em meio a uma destruição interior que, no caso de Halla, como no de seus pais, consome as energias. Walter Benjamin também segue um raciocínio parecido: “O luto é o estado de espírito em que o sentimento reanima o mundo vazio sob a forma de uma máscara, para obter da visão desse mundo uma satisfação enigmática” (BENJAMIN, 1984, p. 162). Contudo, Halla não consegue exercer essa ideia. A personagem encontra, no lugar de satisfações, incertezas que a direcionam para um desespero que busca, na personagem Einar, um modo de fugir.

Pedi ao Einar que nunca mais matássemos flores. Era o nosso pacto. Não matar as flores, o que parecia um compromisso absoluto em favor da vida. Ele aceitou como se finalmente me tornasse sua namorada. Estava comprometido comigo para aquilo, era como dispor-se a um compromisso comigo para todas as coisas. (MÃE, 2014, p. 37)

Einar acaba tendo como função ser uma “âncora” que prende Halla a esta realidade, é graças a ele que a protagonista consegue se manter, dentro do possível, lúcida perante a perda do objeto querido. A relação se constitui mais por uma dependência do que por afetividade. Einar se mostra útil, sendo uma possibilidade de futuro, mesmo que inferior ao que ela poderia querer, em meio a ruínas.

Ademais, ele é quem possibilita que Halla possa, mesmo que brevemente, sair de perto de sua mãe, afastar-se um pouco da opressão que sofria. Através dos momentos juntos, Halla compartilha o seu medo de existir sem a irmã. Já quanto aos seus pais, sem tal recurso, surge apenas a alternativa de “colocarem máscaras”, sendo a da alienação ou da brutalidade.

Nota-se, segundo essas reflexões, que as poucas relações construídas, depois da morte de Sigridur, não possuem verdadeiros vínculos emocionais. Estimula-as muito mais o vazio do luto, a tristeza e a falta de aceitação advinda do ocorrido. O cenário somente serve para ressaltar a perda, colocando as personagens em um estado no qual se sentem desestimuladas em continuar vivendo.

Em síntese, a realidade se apresenta sem quaisquer sinais de beleza, desgastando-os: “A tristeza colocara os meus pais e as coisas todas a envelhecer. Dizia-me que era possível. O tempo também se conta pelos desgostos” (MÃE, 2014, p. 39). Halla sente sua juventude se esvaír, perdendo a idealização sobre a existência, como a possibilidade de conquistas futuras. Presa a esse impacto da perda do objeto que amava, nada resta a personagem além de atribuir a si mesma uma carga demasiado intensa de desesperança, assumindo a posição de “menos morta”, designação que a população do vilarejo atribuiu a ela.

Schopenhauer diz que “toda a felicidade não passa de quimera, só o sofrimento é real” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 31), pensamento que se encaixa

por ser esse real doloroso, principalmente, a única sensação que persevera na narrativa. Tal questão se deve a um núcleo familiar que reforça as tristezas, por se encontrar danificado, sem alternativas para se ajudarem e, assim, superarem o luto.

Pode-se dizer que as personagens estão fixadas nessas emoções originadas pela perda que não aparentam, durante o desenvolver do romance, tentarem se desprender. Apegam-se a esses sentimentos, a tal ponto que a tristeza é o centro de seus investimentos. Dessa maneira, aborda-se outro tema importante, que é o apreço, por parte do enlutado, acerca dos sentimentos que nutria pelo objeto perdido, e não acerca do mesmo.

Em *Além do bem e do mal*, Nietzsche observa um fator interessante que, em meio a cega devoção do homem aos seus princípios, quanto às suas emoções, explicita o quão individualista é possível ser, mesmo quando se trata do fim de algo ou de outrem. O filósofo sentencia que “Ama-se por fim seus desejos, e não o desejado” (NIETZSCHE, 2014, p. 106), ou seja, o ser humano é devoto daquilo que sente, pouco se importando realmente com o próximo. Venera-se a idealização, não propriamente o objeto idealizado.

Obviamente, afirmar que Halla não nutre nenhum afeto por Sigridur seria um equívoco. Porém, vale ressaltar que uma considerável parte do sofrimento de Halla se deve mais por ela sentir que parte de si desapareceu com a morte da irmã, afetando quem ela é, por consequência, a sua identidade. Igualmente, pode-se pensar no pai e na mãe, que lamentam a falta da filha mais por motivos pessoais, desejando o retorno dela para, com isso, ocorrer também um retorno à realidade a qual já estavam acostumados.

A imagem da irmã acaba por funcionar como um método de lastimar pelas decepções e dúvidas pessoais, conduzindo a uma relação de dependência para com a agonia do luto. Portanto, Halla implora pela ajuda de Sigridur, por esse objeto perdido, para que o desamparo possa cessar: “Eu punha as mãos no peito e dormia de morta a tentar que a minha irmã me ajudasse a sentir o certo e o errado do que acontecia naquele fim de verão” (MÃE, 2014. p. 47). A obsessão

por Sigridur é uma das principais características do luto, a protagonista se mostra perdida, sem saber quais atitudes tomar no seu cotidiano.⁶

Como aponta Benjamin, “o amortecimento dos afetos (originado pelo objeto que fora perdido) pode transformar a distância entre o sujeito e o mundo numa alienação com relação ao próprio corpo” (BENJAMIN, 1984, p. 164), tornando o enlutado disperso envolto por imagens que remetem à perda, fazendo com que tudo pareça “obscuro”.

Logo, fragilizando uma personagem que, ao não ter mais irmã, simultaneamente fica enfraquecida para lidar com as experiências de cada dia. Tais efeitos se expressam significativamente na mãe, que deixa de ter qualquer noção da realidade, apresentando sintomas que podem ser vistos como neuróticos, os quais se deve relacionar a um luto que a domina.

A intensificação dos sentimentos da perda levam os indivíduos a sucumbirem, como a se aprofundarem, em vastas dores, mudando a percepção de mundo que cada um carrega. O sofrimento é a única realidade possível nesse contexto, a morte prepondera como um fim que, curiosamente, deixa presente a sua sensação, sendo o término de uma vida, mas o início de constantes angústias. Essas considerações encaminham a presente análise para um outro nível de sentimentos vinculados a perda, tratando-se da categoria da melancolia, estado no qual os pontos já abordados tomam proporções maiores, ao ponto de colocar Halla e seus pais em um estado desesperador.

2.2 - A estagnação melancólica: as profundezas do desespero sem fim

A dor se mostra como um sentimento árduo de se suportar, propiciando ao indivíduo situações que modificam a sua existência. Das mais diferentes maneiras pode se apresentar tal questão, como do mais simples, pensando-se na quebra de uma expectativa, até algo mais complexo, como o luto, ponto que

⁶ A ideia de obsessão, vinda por parte de Halla, se dá não somente pela ausência do objeto querido, mas também por ter relação com a própria identidade da protagonista. Sem Sigridur, a personagem se sente deslocada, como se parte de si houvesse deixado de igualmente existir.

fora abordado anteriormente. Essa sensação negativa, que se deve a perda daquilo que era precioso, pode não se conter apenas nas características que definem o homem enlutado. Surge, então, um tema a ser tratado, que é a ideia de melancolia.

A categoria da melancolia teve seu significado alterado através do passar dos tempos, sendo vista de distintos modos. Em *A tinta da melancolia*, Jean Starobinski faz um traçado cultural, como histórico, da melancolia, oferecendo uma possibilidade de pensar sobre ela em distintos contextos. Starobinski aponta que, no princípio, a melancolia era identificada como uma doença do corpo, a qual poderia ser “expurgada” a partir de medicamentos, a mesma se situava em um lugar específico, denominado como a bÍlis negra.

Por ser considerada uma doença do corpo, era tratada como qualquer outra enfermidade, havendo o adendo de que a melancolia atingia o corpo e o emocional do sujeito, prejudicando tanto a saúde mental, quanto a física. Nas palavras de Starobinski, a melancolia, dentro de tantas leituras, foi vista como a combinação de um temor e de uma tristeza que tendem a perseverar, manter-se por um longo tempo:

Eis, portanto, que aparece a bile negra, a substância grossa, corrosiva, tenebrosa, designada pelo sentido literal de “melancolia”. É um humor natural do corpo, como sangue, como a bile amarela, como a pituíta. E, da mesma forma que outros humores, pode sobreabundar, se deslocar para fora de seu centro natural, se inflamar, se corromper. Daí, resultarão diversas doenças: epilepsia, loucura furiosa (mania), tristeza, lesões cutâneas etc. O estado que hoje chamamos de melancolia não é mais que múltiplas expressões do poder patogênico da bile negra, quando o seu excesso ou sua alteração qualitativa comprometem a isonomia (isto é, o equilíbrio harmonioso) dos humores. (STAROBINSKI, 2016, p. 20)

A melancolia é detentora, segundo as colocações do teórico, da capacidade de influenciar os humores, como o tipo de sentimento do sujeito. Com o decorrer dos estudos, o significado de tal ideia foi se modificando. Dentre tantas colocações, a melancolia carregou definições que vão do religioso, como um pecado, até questões de cunho psicológico, pensada como um intenso entristecimento.

Starobinski destaca a presença da melancolia, por exemplo, no sistema nervoso, influenciando os pensamentos e a postura da pessoa em frente a sociedade. Ademais, os efeitos que surgem desta se prendem ao homem de tal modo que há uma obsessão pela perspectiva melancólica, colocando-o em um estado de depressão, de desilusão, ou seja, em uma postura de desesperada dependência. Portanto, “A tristeza depressiva é o eco duradouro de uma ‘ideia aflitiva’ da qual o sujeito não consegue se livrar” (STAROBINSKI, 2016, p. 108). Os efeitos acabam por serem o de um limitador, um bloqueio que impede o melancólico de se desapegar de seus desgostos, ficando inerte.

A partir dessas colocações, torna-se plausível pensar na melancolia como algo que paralisa, visão que a psicanálise de Freud abrange. No seu ver, a melancolia é uma doença que atinge a mente, comprometendo o ego do sujeito, impossibilitando que esse possa extrair prazer de suas experiências. A melancolia é um desdobramento, uma intensificação das sensações negativas vindas do luto. Ela é um empobrecimento do eu para com a vida e consigo mesmo, portando-se como “refém” dos lamentos pela perda do objeto perdido.

Freud diz que há no melancólico “um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego”, sentindo-se “incapaz e moralmente desprezível” (FREUD, 2014, p. 53), um ser que carrega em si um entristecimento que atinge proporções maiores do que no luto, pois aqui já não se pensa especificamente naquilo que foi perdido, mas na inutilidade que o sujeito pensa em ter, vendo-se como um ser sem valor. Logo, o melancólico se coloca como um ser vazio frente ao mundo, desagradando-se com si mesmo, revoltando-se ao ponto de desejar se punir, considerando-se culpado pelos males que, no seu ver, causou.

Sendo assim, gera-se uma espécie de estagnação. A vida desse ser gira em torno das lamentações, dominada pelos pensamentos melancólicos. Existe uma disposição desse para não superar as suas mágoas, enxergando em todos os lados razões para permanecer em seu estado emocionalmente e mentalmente deploráveis. Todavia, é notável que a melancolia se expressa segundo “peculiares faces”, ponto que o romance permite refletir. Afirma-se que a melancolia de Halla não é a mesma que atinge a sua mãe, por conseguinte a da figura paterna possui pontos únicos daquela personagem.

Starobinski afirma que a melancolia pode ser utilizada de maneira que produza, ou seja, mostre-se como uma ferramenta de criatividade artística. Existe um vazio na melancolia, que se manifesta nas três personagens de *A desumanização*, mas que se faz presente, no caso do pai, através da formação de um mundo de devaneios, os quais serviriam para o afastar do ambiente que instigaria sofrimento. Criando, assim, a ilusão de estar sendo produtivo com o vazio que sente dentro de si.

Diz Starobinski que o sentimento de vazio “se torna cada vez mais o momento preliminar em que se exhibe o espaço que caberá à imaginação povoar” (STAROBINSKI, 2016, p. 431), imaginação que molda a realidade do pai, que tenta deturpar os fatos, para assim conseguir conviver com a morte de uma de suas filhas. Ao observar essa postura, Halla nota que seu pai usufrui da escrita, da elaboração de versos, para esconder os seus sentimentos de frustração. Por essa lógica, o pai afirmava para a filha que “a solidão não existia” (MÃE, 2014, p. 44), já que o mesmo direcionava a sua atenção para longe daquele cenário mórbido que se tornou a sua família.

O pai era visto como um cientista das ideias, um gênio capaz de camuflar as suas tristezas. Porém, elas estavam ali, atingindo-o, tornando-o melancólico, fator que o obrigava a se afastar. Ao escrever os seus poemas, a personagem inventava, podendo, a partir das palavras, atribuir distintos sentimentos no papel que, de certo modo, escondia a melancolia, mas não a fazia desaparecer: “O meu pai escrevia os seus poemas e fervia de se pôr no papel. Inventava poemas como se não fosse o seu autor. Pasmava diante deles, incrédulo, com dificuldade em entender de onde surgiam as palavras, como era possível que o explicassem” (MÃE, 2014, p. 30).

A incredulidade apresentada destaca como a personagem opta por adentrar no mundo artístico, praticamente esquecendo da realidade. Enquanto a sua família definhava pela tristeza, o pai direcionava as suas forças para objetos distantes daquilo que se passava. Ressalta-se que tal comportamento gerava uma revolta em Halla, a qual buscava no pai um conforto e uma proteção para, de alguma maneira, arcar com a perda da irmã.

Esse incômodo, por parte da protagonista, faz surgir a seguinte constatação feita por ela: “Eu queria olhar para as folhas e ver a Sigridur a correr, a molhar-se nos tanques de água quente. Não queria ver a caligrafia apumada do meu pai e as suas rimas fracas, esforçadas” (MÃE, 2014, p. 30). O pai, na opinião de Halla, a abandonou, deixou-a de lado em um momento crítico, sem dar quaisquer explicações. A melancolia o fez escolher uma fuga, para se proteger. Como é possível atentar, a tristeza, devido a sua imensidão, provoca um instinto de preservação por parte de quem a sente, porque lidar com um mundo que enfatiza essas sensações melancólicas é uma difícil provação, que nem todos são capazes de suportar.

Para Freud, o melancólico têm em si marcas constituídas por “ofensa, desprezo e decepção”, que destacam em si uma relação de “oposição entre amor e ódio” (FREUD, 2014, p. 67), sentimentos direcionados para ele mesmo, deixando claro como é um ser fragilizado, que tenta encontrar, como no caso do pai, uma tentativa de fugir do sofrimento.

A figura paterna se coloca em um estado de mínima ação, estático, devido a uma tristeza sem fim. Por consequência, a estrutura da família é prejudicada, já que o homem que poderia contribuir para uma superação do luto, aquele trabalho de luto já refletido por Freud, opta por se resguardar, retirar-se das responsabilidades de não somente arcar com a dor da perda, mas de servir como um “ponto de sustentação” para sua esposa e filha. Assim, os sentimentos de melancolia são fortalecidos, através de um cenário de pura solidão e ausência de perspectiva.

Tal personagem, de certa maneira, apresenta um egoísmo, um individualismo por simplesmente menosprezar o sofrimento que fulmina Halla e a mãe. A relação afetiva dá lugar a melancolia, com tal sensação impossibilitando que se estabeleçam novamente vínculos emocionais. O único valor que cada personagem carrega é a constatação de que Sigridur está morta e, dessa maneira, uma parte deles também.

Benjamin observa que, na melancolia, “As ações humanas foram privadas de todo valor”, surgindo uma espécie de “mundo vazio” (BENJAMIN, 1984, p. 162), ponto que já se mostra no luto, mas que no estado melancólico atinge ainda

proporções maiores. Se, no luto, há uma espécie de culpa, na melancolia não só existe uma condenação a si mesmo, mas uma depreciação da realidade, como de si mesmo, culminando, nas palavras do teórico, em “um abismo sem fundo” (BENJAMIN, 1984, p. 163).

Inclusive, gera-se um questionamento acerca da própria Halla quanto ao pai, pensando se ele ainda se mantém com alguma sanidade. A ideia de que, por um lado, o melancólico busca se afastar da sociedade para se preservar pode ser repudiada, já que, por outro, torna-se plausível dizer que o mesmo está com a percepção quanto a vida alterada, prejudicada. Halla pensa na seguinte questão: “se o pai também está doido ou se vê as ordens de deus que ninguém vê” (MÃE, 2014, p. 51).

A melancolia se mostra capaz de afetar, mais do que os sentimentos, aspectos mentais do indivíduo. A presente categoria distorce a realidade, moldando-a conforme a dor que o melancólico sente. Nada no mundo viria a apresentar uma maior representatividade do que o objeto perdido, não tê-lo significa o fim da lógica na existência desse ser. Por sua vez, o pai se permite estar “distante” de Halla, já que a motivação principal para conviver naquele contexto se desfez.

Para ele, Halla representaria a metade de Sigridur e a imagem de seu desgosto, da perda em si. Mostra-se coerente dizer que, para a personagem paterna, expressar suas emoções seria apenas enfatizar a sua melancolia, deixar-se sucumbir às mágoas. O método encontrado para ter a mínima proximidade com a filha eram os livros, a fantasia em si, como as suas reflexões quanto à Islândia e sua relação com o destino. O pai tentava aceitar o cenário, ao mesmo tempo que trocava a realidade pela ficção, sendo tal artifício a maneira que se fazia possível de travar algum diálogo com Halla. É através da supressão do tema da morte de Sigridur que Halla consegue ter contato com o pai, adentrando em ilusões.

Curiosamente, tal tentativa gera em Halla alguns pensamentos sobre a identidade de cada um deles. Nota-se, a cada desenvolvimento do romance, que tratar da morte de Sigridur é um fardo para eles, sendo o silenciamento quanto

ao assunto a chance de amenizar, levemente, os sentimentos melancólicos deles.

Entretanto, há outra perda devido a essa postura, as personagens vão se desfigurando, não sabendo mais quem são: “Talvez nós próprios não tivéssemos nome e andássemos iludidos com aquele que usávamos. Talvez nós próprios o fôssemos outra coisa que não aquilo que nos habituáramos a pensar ser” (MÃE, 2014, p. 34).

Pensa-se, quanto a isso, que no caso do pai a busca por direcionar as suas ideias em fugas fantasiosas é um modo de deixar de ser a representação tanto da figura paterna para Halla, quanto um homem que teve que conviver com a morte de uma filha. Ressalta-se que, apesar desses escapismos, surge na personagem surtos de violência para com a família que lhe restou. Justamente na tentativa de reestruturar o elo entre cada um de seus entes, suprimindo a revolta através de agressões.

Em um episódio em que a mãe de Halla arranca-lhe um de seus seios, enquanto o pai não estava presente, este, ao retornar, agride a esposa na tentativa de “remediar” a situação. Igualmente, quando Halla afirma para ele que em um dia de muito ódio mataria a própria mãe, ele reage com violência, batendo-lhe.

Portanto, o sentimento de melancolia, capaz de estagnar o sujeito, demonstra possuir outra característica, podendo resultar em uma violência descontrolada. Como já se comentou, a melancolia modifica os sentimentos, tornando-os consideravelmente instáveis.

No livro *Literatura, violência e melancolia*, o pesquisador Jaime Ginzburg desenvolve a relação entre essas três categorias, expondo como a melancolia afeta a condição do sujeito em meio a sociedade. Em seus raciocínios, Ginzburg observa:

O reconhecimento por parte dos seres humanos de que são capazes de criar problemas uns aos outros levaria à percepção de imperfeições de nossas habilidades comunicativas e civilizatórias. Nesse caso, o efeito é de desassossego. O reconhecimento de nossas limitações leva um senso incerto a respeito do entendimento do humano. Não estamos

à mercê apenas da hostilidade da natureza e da passagem do tempo, mas da insegurança de não sabermos o que esperar dos outros e, em última instância, de nós mesmos. (GINZBURG, 2013, p. 65)

Logo, a partir de tais apontamentos, percebe-se que a melancolia é uma categoria que tem como uma de suas consequências a violência com si próprio, como para com outros. Do mesmo modo, é uma ferramenta que desestabiliza as relações socioafetivas, culminando tanto em silenciamentos quanto em hostilidades.

No caso do pai, esse opta, em boa parte da narrativa, em se colocar “inerte”, sendo essa a maneira encontrada para lidar com as suas tristezas. Inclusive, a personagem simplesmente desaparece no decorrer da narrativa, não sendo mais mencionado. Isso é significativo ao ponto de que mostra o quão à parte daquele contexto o pai se encontrava, já que é “descartado” como personagem na obra, enfatizando uma postura de alienação causada pela melancolia, um ser que sucumbe de tal modo que não mais se nota a sua voz.

Por outro lado, pode-se colocar em questão a figura materna, que expressa suas dores através de agressões físicas, direcionando os seus sentimentos melancólicos pela raiva⁷. Para a mãe, a perda de Sigridur a colocou em um patamar diferenciado quando se trata da melancolia, tornando-se tal um ser demasiado violento e descontrolado. Percebe-se que ela, além de apresentar observações confusas, enxerga Halla como um problema, um símbolo que representaria a filha morta, e o marido com indiferença, como se esse não existisse.

A figura materna, diferentemente da paterna, externaliza a dor que sente. Entretanto, a maneira feita não possui quaisquer relações com melhoras, que podem variar do diálogo entre paciente e médico, no caso de Freud, e do testemunho pelo raciocínio de Primo Levi. A mãe decide por desferir palavras e atitudes raivosas, que culminam em experiências perturbadas para aqueles que

⁷ A melancolia apresentada pela mãe é diferente das demais personagens, pois, quando nos outros a alienação ou a tristeza preponderam, no caso dessa os seus sentimentos a direcionam para atos de violência. Dessa maneira, considera-se que a melancolia desestabiliza o sujeito, deixando-o emocionalmente instável, direcionando-o para, como observa Ginzburg, uma natureza agressiva.

a cercam. Um episódio que pode expressar tais colocações é o momento em que a personagem, em uma espécie de surto, decide por infringir dor a si mesma:

Por vezes, a minha mãe sangrava nos pratos. Enquanto os lavava, os cortes dos braços abriam a sujar a água. Não se cuidava. Gostava de ver as gotas escuras a cair na brancura da louça. Não lhe podíamos pedir que se afastasse. Ainda que se pusesse anémica, meio morrendo, era como queria. Vingava-se de si mesma por não ter sabido salvar uma filha. (MÃE, 2014, p. 33)

Percebe-se na cena acima que, no caso da personagem, a melancolia se apresenta, mais do que como um estado intensificador das tristezas, como ódio para consigo mesma e para com a realidade. Sua raiva a domina, deturpando qualquer noção de uma possível consciência que a permitiria discernir, por exemplo, o certo do errado. Assim como Starobinski aponta em seu livro que, no período da Idade Média, buscava-se expulsar a melancolia do corpo como se fosse uma doença, similarmente o faz a mãe, na tentativa de arrancar, quase que literalmente, aquela dor de si.

Todavia, ao mesmo tempo que é possível ver esse tipo de iniciativa por parte dela, também se considera haver um expressivo desequilíbrio das condições psicológicas e emocionais. No início da obra *Neurose, psicose, perversão*, Freud traz a ideia de paranoia, atentando sobre algumas características específicas acerca desse estado de “perturbação mental”.

No ponto de vista do psicanalista, situações intensas marcam o sujeito, afetando-o no âmbito psicológico, ou seja, a partir do instante em que alguém sofre, como no caso da narrativa, uma perda, acontecimento irreparável que modifica para sempre quem o vivencia, pode-se ser conduzido a uma alteração dos sentimentos, como da capacidade de perceber e lidar com o mundo, resultando em obsessões e conflitos. Segue-se a explicação de Freud:

A representação *delirante* situa-se, na Psiquiatria, ao lado da representação *obsessiva*, como um distúrbio puramente intelectual, e paranoia, ao lado da loucura obsessiva, como psicose intelectual. Uma vez que a representação obsessiva tenha sido reconduzida a uma perturbação afetiva e se tenha demonstrado que ela deve sua força a um conflito, então a representação delirante deve ser situada dentro da

mesma concepção, portanto, ela também é consequência de distúrbios afetivos e deve sua força a um processo psicológico. (FREUD, 2016, p. 15)

Os apontamentos de Freud se mostram pertinentes para a presente análise, a partir do momento em que a mãe carrega em si, ou melhor, em sua melancolia, esses aspectos. Vê-se uma personagem afetada no campo de seu intelecto, pensando-se nas decisões que ela toma, como o repúdio a filha e a própria sanidade, do mesmo modo que é perceptível a maneira em que a figura materna sede a obsessões e sofre com conflitos, que vão desde ao papel de uma mãe que lamenta, até um ser que decide por descontar o sofrimento que sente em quem se aproxima.

Precisa-se compreender que a mãe desse romance é de suma complexidade, pois ela gera ocorrências que demonstram tanto uma sensibilidade, como uma fúria descontrolada. Igual a personagem paterna, a mãe não se aproxima emocionalmente de ninguém, é incapaz de procurar uma superação de sua melancolia, pois esta a domina, como também define a sua personalidade dentro da ficção.

Aos olhos de Halla, a mãe é uma mescla de inimiga com um ser que causa pena, já que, em cada ato, presencia-se uma mulher perdida, sem rumo, sem forças para lutar contra os sentimentos negativos que a dominam. Mesmo que hajam conflitos entre as duas, considera-se uma questão em comum entre elas, a qual se trata do impacto da morte de Sigridur, direcionando-as a uma condição de melancolia intensa.

Primo Levi afirma, no livro *Os afogados e os sobreviventes*, que “Cada indivíduo é um objeto de tal modo complexo que é vão querer prever o seu comportamento, ainda mais em situações extremas” (LEVI, 2016, p. 47). Complexidade essa que se faz ainda mais significativa quando se trata da categoria da melancolia, sensação a qual se origina, no contexto do romance, do fim daquilo que, para uma mãe, era um objeto de grandioso valor.

A personagem tem, similarmente a Halla, parte de si perdida, e tal questão culmina em impulsos os quais não são direcionados para uma superação da melancolia. Pelo contrário, a melancolia da mãe é um declínio da sua

humanidade, transformando-a em um ser que, para se expressar, recorre a agressividade, que se mostra destrutiva em determinadas ocasiões, como no caso de Halla: “Quando acordei, minha mãe desfizera-me o mamilo. A pele falhava. O sangue já seco não escondia os cortes. As dores eram profundas. [...] Chamei-lhe louca, má, chamei-lhe diabo. Arrancara-me um ovo da pele. Dizia que era o símbolo da maternidade” (MÃE, 2014, p. 33).

A condição melancólica em que a mãe se encontra é um efeito que, no geral, propaga a dor. Trata-se de uma mulher desesperada, que decide por machucar a filha, que ainda está viva, para fazer com que seja possível que entendam seus tormentos. O espaço em que ela habita, segundo a sua própria visão, é um local de angústia, sem coerência, pois é como se ela falasse, mas ninguém conseguisse assimilar o que era dito. Se, através das palavras, seus sentimentos não se mostravam claros, restava à mãe usar de outro método, que é o da hostilidade. A melancolia é o catalisador, não só dos ferimentos que ela causa, mas de seus pensamentos.

Por consequência, a mesma sucumbia a uma confusão, pois a sua tristeza não parecia cessar, consumida por lembranças que carregam apenas dores e um futuro incerto, sem possibilidades de ser diferente. Benjamin já notara que a melancolia culmina em “sonhos terríveis, e temores sem razão” (BENJAMIN, 1984. p. 167), sendo esta uma interrupção das chances de mudança, atingindo a ciência de que a tristeza, no caso a tristeza advinda da morte de um ente querido, nunca termina.

Dominada pelos lamentos, a mãe sente que nada poderá curar a ferida que leva em si, a maneira de “conviver” com essa fatalidade é a já mencionada perda da razão. Pode-se afirmar que esse estado de loucura é um mecanismo de defesa encontrado pela personagem, que precisa usufruir da violência para, de algum modo, sobreviver a melancolia que a consome.

Pensando pela lógica de Freud, a existência da mãe se encontraria envolta de desprazer. Portanto, a mesma direciona seus impulsos na direção de movimentos que podem ser vistos como compulsivos, maneira encontrada para não se deixar “sobrecarregar” por tais descontroles, como se, curiosamente, fosse uma escolha se deixar afetar a sua consciência.

Nas palavras de Freud “Surgem outros sintomas secundários, em que a compulsão se transfere para impulsos motores contra a representação obsessiva” (FREUD, 2016, p. 28), ou seja, a personagem impulsiona as consequências de sua melancolia para a compulsão a causar ferimentos, a machucar a outros e a si mesma, como expressa a seguinte passagem: “A minha mãe cantava hinos e cortava-se agora nas pernas. Puxara-me uma noite para me agarrar as coxas magras. Abriu uma linha fina na minha pele” (MÃE, 2014, p. 53).

Nessa cena, há alguns pontos importantes, sendo tais, inicialmente, a cantoria por parte da mãe, que pode ser vista como algo que evidencia o estado de loucura, somado aos cortes que ela faz em si mesma e em Halla, fatores que ressaltam seu desequilíbrio, atentando que ela é uma melancólica aterrorizada pela morte de Sigridur, e que precisa mostrar o que sente aterrorizando outrem.

A mãe carrega em si uma intensidade que, diferente das observações anteriormente feitas acerca do pai, não possui características de apatia. Sua melancolia adotara um caráter de perversão, mas perversão especificamente com o que? Considera-se, nessa análise, que a melancolia da mãe é detentora de uma postura autodestrutiva, constituída por sensações que buscam o “apagamento” dos pontos que afirmam a morte de Sigridur.

Ao mesmo tempo em que diz para Halla que é preciso que viva pela irmã, a mãe tenta aniquilar o que existe de similar entre as gêmeas, com a finalidade de destruir o que lhe cerca, já que é uma sensação de destruição que a personagem materna tem em si. Há na mãe uma condição de perturbação melancólica, que a coloca em choque com a realidade, obrigando-a a tentar “moldar” a sua existência à força, a partir de agressões que lhe possam propiciar argumentos que esclareçam a melancolia que sente. Ginzburg observa que:

O comportamento melancólico é caracterizado por um mal-estar com relação à realidade. [...] A realidade é observada como um campo de desencantamento e desconfiança. Contemplativo, o sujeito não se conforma com a perda. Embora objetivamente possa ter sido informado do que ocorreu, não aceita a situação, sendo seu objeto de amor insubstituível por qualquer outro. (GINZBURG, 2013, p. 12)

A partir da reflexão de Ginzburg, pensa-se na personagem como alguém que perdeu o centro de seu mundo, a base que a mantinha coerente, formando-se um ambiente em que nada possui sentido. Através da violência, a personagem procura uma forma de reencontrar as razões que fariam a sua realidade novamente estável, mesmo que, para isso, seja preciso sacrificar a sua sanidade.

No caso do complexo que surge da melancolia, estabelece-se um embate consigo mesmo, a melancolia direciona o sujeito para constantes dúvidas acerca de seus sentimentos, parecendo que é somente nítido que o desespero da tristeza prepondera. Assim, como diz Ginzburg, “O melancólico confronta-se com os limites da resistência constantemente, pois associa sua perda a incerteza quanto à possibilidade de que qualquer coisa possa de fato fazer sentido” (GINZBURG, 2013, p. 12).

Logo, a violência age como artifício para que o sujeito melancólico se encontre no mundo, retomando algum rumo, mesmo que, ainda mais no caso da personagem criada por Valter Hugo Mãe, tal atitude aparente reforçar o cenário de instabilidade. Considera-se que a mãe, agindo pela hostilidade, nada mais é que um ser que carrega em si a culpa da falha e da perda, sentindo que as referências de sua realidade desapareceram.

Quanto a Halla, a melancolia apresentada pela protagonista adota outros contornos. A jovem demonstra, a partir do luto, um desenvolvimento maior dos sentimentos de tristeza, colocando-se apática e também sem muitas perspectivas de superação. Considera-se que a personagem sucumbe ao luto se prostrando como um ser estagnado, sentindo-se incompleta.

Como anteriormente fora visto, a perda do objeto perdido a leva ao luto, categoria que, se não superada, pode se elevar a uma melancolia extrema. Halla se encontra presa, uma refém de desgostos que, além da morte de sua irmã, aumentam conforme o passar do tempo, pois a mesma vive uma realidade em que prepondera um pensamento, pode-se dizer, estático por parte do vilarejo, como por parte da sua própria família.

Trata-se de um ser abandonado, que se viu sem a única companhia verdadeira que possuía. As pessoas ao seu redor, ao invés de ajudá-la, somente

a machucam, reiterando que, sem Sigridur, a mesma não possui qualquer valor, como motivos para prosseguir viva. O desdém do pai, a agressividade da mãe, junto a um conservadorismo por parte da população de seu vilarejo fazem com que seu cotidiano se torne sombrio e ainda mais melancólico.

Por essa lógica, vê-se a personagem com traços de uma tristeza de grandes proporções, a qual pode ser vista como uma depressão, que a incapacita de enxergar possibilidades de melhoras na realidade em que se encontra, pois tudo parece a direcionar para a melancolia. Segundo Julia Kristeva, na obra *Sol negro: depressão e melancolia*, a condição melancólica “paralisa” o sujeito, ou seja, coloca-o em uma condição em que surge um desgosto por si mesmo, como pelo mundo.

Kristeva caracteriza a melancolia como “um abismo de tristeza, dor incomunicável que às vezes nos absorve, em geral de forma duradoura, até nos fazer perder o gosto por qualquer palavra, qualquer ato, o próprio gosto pela vida” (KRISTEVA, 1989, p. 11). O cenário em que Halla se encontra a faz agir dessa maneira, pois ela apresenta uma dificuldade de expressar qualquer sentimento diferente de uma frustração para com a sua vida.

Tal atmosfera a faz se questionar do porquê está passando por isso, uma provação a qual é, no seu ver, injustificável, pois a morte de sua irmã significa um abalo nas estruturas de seus pensamentos e sentimentos, levando-a a se apegar à época em que Sigridur ainda era viva: “Nada me diminuía o desamparo, a frustração, a tremenda atração por inventar que vivia no passado” (MÃE, 2014, p. 53).

O incômodo de Halla se deve a uma melancolia que, mais do que um fator que a torna lamentosa, a faz se interrogar sobre a sociedade em que habita. Percebe-se que a protagonista carrega em si um desamparo, que a fulmina quando a mesma nota a indiferença de todos para com a sua dor. Benjamin aponta que a melancolia “se apodera dos homens entre calafrios de terror” (BENJAMIN, 1984, p. 168), no caso de Halla, seu terror seria a incompreensão dos outros e a ausência que sente em si, vendo-se solitária em meio a um contexto de amarguras.

Considera-se, através desses raciocínios, que a melancolia atinge Halla como uma “quebra” da normalidade de sua vida. As condições que moldavam o seu percurso são alteradas, pois uma mórbida melancolia a controla, fazendo com que ela seja dominada pelo pensamento acerca da irmã.

Sua instabilidade é cercada pelas imagens da época em que Sigrídur estava presente, paralisando-a, desconstruindo o contexto em que estava inserida. Halla mostra que continua existindo para manter visível a tristeza que o fim da irmã causou, suas ações, igualmente como a de seus familiares, serve para evidenciar como é dolorosa a ausência que sentem. Isso gera, como atenta Kristeva, “Uma vida impossível de ser vivida, carregada de aflições cotidianas, de lágrimas contidas ou derramadas, de desespero sem partilha, às vezes abrasador, às vezes incolor e vazio” (KRISTEVA, 1989, p. 11).

Observa-se isso quando Halla diz o seguinte: “Eu colocara uma camisola da Sigrídur no seu lugar, ali restara para os dias e para as noites” (MÃE, 2014, p. 56), essa passagem destaca como a garota sentia que era preciso ter o mínimo da presença de Sigrídur por perto, ou seja, qualquer objeto que remetesse a ela, já que o seu apego se apresenta como o principal impulso da melancolia.

O sujeito melancólico sente em si a necessidade de aproximar, mesmo que imaginariamente, a causa que o colocou nesse estado. Às vezes, deve-se essa atitude por causa de uma culpa, em outros casos é simplesmente uma relação de dependência que para com os sentimentos de tristeza. Halla dependia de Sigrídur, porque se reconhecer como ser que habitava naquela família, como naquele vilarejo, passava pela presença da irmã. Perdendo-a, restam lamentos e dúvidas do que está por vir para si.

Ocorre que o evento marcante da narrativa, que resulta nos sentimentos de luto e de melancolia, afetam não somente o individual de cada um, mas o coletivo. Os laços afetivos são comprometidos, ao ponto de que deixam, praticamente, de existir. Não há mais o núcleo familiar de Halla, pois um dos constituintes principais se foi. Por isso, a melancolia toma proporções ao ponto de afastar cada personagem emocionalmente, colocando-as em posições

distintas uma das outras. No caso de Halla, o vazio que a consome adota a face da solidão, mudando o seu entorno para algo estranho e irreconhecível.

A personagem, ao entender o que se passa consigo, enxerga a nova disposição da família, com a mãe demonstrando perturbações emocionais e o pai distante, sem estabelecerem quaisquer comportamentos que demonstrassem carinho ou união: “Os meus pais, por seu turno, [...] mal velados na noite, insones, moribundos nas suas vidas e sem se fazerem companhia. Estavam díspares. Não coincidiam. Não se serviam de família, não se serviam de nada” (MÃE, 2014, p. 126).

Disso, Halla constata que possui somente a sua tristeza, os sentimentos que carrega por Sigridur. Em determinado momento do romance, Halla discorre sobre um sonho que teve, no qual deixa ainda mais evidente o seu apego para com a irmã: “Sonhei que me deitava encostada à Sigridur na sua caixa de ir à terra. Encostada, sem grande espaço, apenas o suficiente para assistir, ver, tomar conta. Saber tudo o que aconteceria” (MÃE, 2014, p. 32).

Vê-se que não só seu emocional, mas a mente de Halla retoma, incansavelmente, a imagem da irmã. A personagem é controlada por uma melancolia que a afeta nos próprios sonhos, como no seu modo de pensar. Sem outra alternativa, a personagem se agarra a essa sensação, compreendendo que é prisioneira da melancolia, não havendo condições de se recuperar desse impacto.

Para Starobinski, a melancolia pode ser vista como uma categoria capaz de realmente dominar por completo o sujeito, fazendo com que este se sinta sem saídas, subjugado pela tristeza. Nas palavras do teórico, o melancólico é “prisioneiro de uma masmorra cuja chave ainda precisa ser encontrada” (STAROBINSKI, 2016, p. 118). Essa sensação de se encontrar em uma masmorra se faz mais significativa pela dificuldade que o melancólico possui para tentar, mesmo que comedido, superar as emoções negativas que o desestruturam, pois o mesmo está desequilibrado, enfraquecido.

Na ficção, a ideia exposta por Halla, de que não consegue se conformar com a morte da irmã, exemplifica como a melancolia pode ser vista como um conjunto de aspectos prejudiciais que acabam por desestimular o sujeito a

prosseguir vivendo, por exemplo, em meio a outras pessoas. Perde-se o estímulo de agir normalmente, continuar sendo uma filha que, pode-se dizer, age “naturalmente”.

A melancolia assume uma forma corrosiva, que destrói as esperanças de estabelecer novas afetividades, ou mesmo manter as antigas. O sujeito é abalado em suas estruturas psíquicas mais peculiares, com a impressão de que parte de si desaparece, desfaz-se. Freud já atenta que, para se chegar a melancolia, há uma ruptura em Eros, ou seja, na noção de prazer, daquilo que se preza. O apreço, que adota a postura da melancolia, segundo Freud, seria parte do Eu, do sujeito que está atingido pela dor melancólica.

O psicanalista diz que na melancolia se expressa “uma perda de objeto que foi retirada da consciência” (FREUD, 2011, p. 51), portanto a melancolia, pensando especificamente em Halla, a modifica porque não só é significativa a morte da irmã, mas algo de sua consciência, um fragmento do que Halla era, também deixou de viver. Da mesma maneira que a mãe e o pai, a protagonista sente que um pedaço de si foi envolvido pelos sentimentos de melancolia, manifestando-se apenas como desprazer, como agonia.

Sua ligação com Sigridur era desfeita, e a melancolia apenas enfatizava como ela não era mais uma irmã, muito menos a gêmea de seu ser querido: “Talvez fosse isso o que significava a morte entre gêmeas. Deixávamos de ser gêmeas e quebrava-se a telepática relação que existira até então. A morte impedia a irmandade e as semelhanças” (MÃE, 2014, p. 55). O término da vida de Sigridur resulta em uma mudança no contexto de Halla, seus vínculos se desfazem, já que, a partir da questão de que ela não percebe mais quem realmente é, acaba por ser inviável a proximidade com diferentes indivíduos.

A única relação que Halla constrói é com Einar, mas que tem por base essa lembrança, a melancolia que, por deixá-la solitária, busca uma “peça” que, ao mesmo tempo, possa preencher a lacuna e também estabelecer alguma ligação com o objeto perdido. Portanto, é a melancolia que dita as relações sociais da protagonista, já que se aproximar ou não de Einar, como de qualquer um, é um resultado de uma melancolia que deturpa seu mundo, deixando tudo confuso.

Pode-se dizer que, depois da experiência dolorosa que causa a melancolia, os homens, na colocação de Levi, sentem “o peso de ser diferentes, estranhos, separados [...] do gênero humano” (LEVI, 2016, p. 84) por se verem como seres à parte, que convivem com elementos que não sentem e entendem a decepção e amargura que a melancolia que detém carrega.

As personagens dessa narrativa, atingidas pela melancolia, e cada uma manifestando-se de maneira própria, são como seres estranhos em meio aquele vilarejo. Halla não mais se sente parte daqueles indivíduos, pois a melancolia a descaracteriza, tornando-a uma nova pessoa, descrente com as possibilidades de uma vida sem Sigridur. Resta apenas um constante desconforto na protagonista, o qual se mostra como sentimentos que a colocam em uma posição de tristeza, temerosa quanto ao que o futuro pode reservar.

Por esse raciocínio, a melancolia de Halla, como se percebe, atinge uma configuração de desespero ao ponto de que há, para si, somente uma questão de aceitação, evidenciada pela aproximação com Einar, que tem a simples serventia de ser alguém por perto, além de a manter, no seu ver, ligada à imagem da irmã.

Devido a essa perda que domina Halla, a melancolia ressalta, nas palavras de Ginzburg, “um elemento de inconclusão, de incompletude” (GINZBURG, 2012, p. 60), ou seja, o sofrimento prorroga-se constantemente, aparentando nunca cessar, colocando a personagem em um caminho no qual surge, na frente de si, experiências que possivelmente nunca terão sentido, já que ela carrega um ferimento emocional, que é a melancolia.

Devido a isso, Halla é incapacitada para se conformar com um mundo em que, na visão melancólica dela, abandonou-a. Ao falar dos fiordes islandeses, especificamente de uma cratera profunda denominada de “A boca de Deus”, a personagem demonstra como o espaço em que habita a sufoca, deixando, com o passar da ficção, cada vez mais em evidência como o sujeito melancólico se encontra abandonado, afastado no âmbito das emoções e do psicológico da sociedade em que reside: “A ver a imensidão dos fiordes, as montanhas de pedra cortadas por rigor, o movimento nenhum, achei que o mundo mostrava a beleza mas só sabia produzir o horror” (MÃE, 2014, p. 12).

Especificamente, esse horror pensado por Halla se deve a melancolia que a domina, porque, como já se disse, o mundo, pela perspectiva do melancólico, transfigura-se, modifica-se para uma atmosfera em que prepondera os medos e os ressentimentos advindos dessa melancolia. Halla atenta que esse Deus, a Islândia em si como a “Boca de Deus”, pouco se importam com ela, sendo uma força que pune, não que reconforta: “Chamávamos-lhe a boca de deus porque era um poço infinito que nos servia de sentença para cada coisa” (MÃE, 2014, p. 17).

Existir, para o melancólico, é uma ação árdua, um desprazer que não finda. A agonia o controla, ao ponto de perceber a realidade como sua própria inimiga, uma adversária que parece sempre expor as razões das tristezas sentidas. O terror se manifesta para esses sujeitos como um desdém, tanto das pessoas mais afastadas como das mais próximas, uma total incompreensão que resulta em dor, em um castigo em que, na verdade, a melancolia perpetua.

Por isso, Kristeva diz que “perdendo o sentido da vida, esta se perde sem dificuldade: sentido desfeito, vida em perigo” (KRISTEVA, 1989, p. 13). A partir do instante em que se percebe o quanto a existência deixou de ter qualquer sentido, o sujeito percebe que as ações não possuem mais finalidade, como também se vê limitado pela sua tristeza.

O local em que o melancólico está aparenta ser constituído por fatores que causam sofrimento, esse originado dos sentimentos de tristeza. A protagonista do romance sente que nada possui mais sentido, assim como vê, em cada particularidade em sua existência, motivos para se pôr em desespero. Os pontos pessoais que a definiam não mais existem, igualmente ela se sente rechaçada, por aparentemente tudo o que ela faz culmina em repreensões. Destaca-se que tais observações estão sempre interligadas com a ideia de melancolia, por essa categoria se infiltrar no sujeito com tal intensidade que nada mais interessa além do sofrimento vivido, ou seja, o contexto teria um único significado: a dor melancólica.

Schopenhauer, que reflete acerca do tema da dor, pensa que todos os atos mundanos parecem se encaminhar para a dificuldade do homem em persistir convivendo consigo mesmo e com o próximo. O filósofo defende a

perspectiva de que “a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 26). Segundo esse pensamento, o sujeito trava um embate eterno para não sucumbir às adversidade que o rondam.

Todavia, o mesmo não o consegue, falha, sem forças para combater a penitência que é a vida. No caso de Halla, evidencia-se que ela é esse indivíduo derrotado pelos seus males, sentindo-se irrecuperável, “manchada” pela melancolia. Para Halla, ser “a menos morta” é uma punição que a aterroriza. A personagem sente isso, como pensa acerca da sua condição, inúmeras vezes, com tais questões a conduzindo para a infeliz realidade de que continuar viva, naquele plano melancólico, trata-se de uma lenta e dolorosa destruição: “Talvez valesse a pena a morte. Estaria do outro lado, sossegadamente, liberta de tanta incapacidade para ser feliz” (MÃE, 2014, p. 60).

Mostra-se possível pensar que Halla, assim como a sua mãe e o seu pai, é um ser que busca um rumo para prosseguir com o seu percurso de vida, mas não consegue encontrar quaisquer vestígios de saídas que, pelo menos, possam amenizar a sua tristeza. Por causa da melancolia, ela vê que o seu núcleo familiar e o vilarejo se postam de modo equivocado, nada está correto. Halla nega comportamentos, como sentimentos, que não sejam o de lamentações para com a morte de Sigridur e a postura melancólica.

Devido a tais aspectos, Halla se sente apreensiva, pois a ausência, tanto de pessoas como de sentido, gera uma desestruturação em si, na qual a sua pessoa, ou seja, traços marcantes de sua personalidade, desaparece. A personagem se coloca estática em imaginar ou sonhar com Sigridur, na vã tentativa de deixar de lado o que é real.

O cotidiano, do mesmo modo que a repudia com uma indiferença, é repudiado por ela com verdadeiro desgosto, a “simplicidade” daquele lugar, como das pessoas, não superavam o seu desencanto. Assim diz a própria protagonista: “As coisas populares não combinavam com uma rapariga tão desanimada como eu” (MÃE, 2014, p. 35).

O entorno do melancólico, para ele mesmo, é um caos, uma confusão que é fortalecida pela tristeza que carrega consigo. Os acontecimentos tendem a perder qualquer significação, sendo o verdadeiro enfoque desse ser

desmotivado o seu estado. Pode-se destacar que o melancólico, mesmo que em alguma ocasião diga o contrário, não busca se recuperar, mas reafirmar a sua infelicidade.

Halla comete tal atitude quando, em tantos momentos, proíbe-se de reconhecer a perda de Sigridur, optando em mantê-la em sua mente não como uma alegre lembrança ou saudosismo, mas como algo desesperador que possui a tendência em a tornar apática. Deixando de lado a realidade, a protagonista convive com esses males, deixando-se prejudicar pela inferioridade que sente. Starobinski comenta que o melancólico estreita, ou mesmo rompe, o laço que o ligava ao mundo, por vê-lo como uma falsidade de total desordem:

Aos olhos do deprimido, é corrente que a paisagem ao redor não tenha consistência nem realidade. O mundo já não tem peso. Está contaminado por algo falso e enganador. As atividades humanas parecem não ter sentido. Os homens cumprem os seus afazeres, mas o seu vaivém, para o melancólico, não passa de gesticulação inquietante e absurda. (STAROBINSKI, 2016, p. 175)

No decorrer da história, surge no percurso de Halla uma situação a qual possui a capacidade de alterar o estado melancólico em que afunda a personagem. Devido ao seu envolvimento com Einar, Halla acaba por engravidar, aparecendo para si uma perspectiva diferente, uma chance de mudanças. Com reações distintas de cada um dos constituintes, acerca do assunto, Halla sente que o bebê que carrega pode permitir que a mesma reconstrua alguns aspectos de normalidade na sua vida. Cria-se uma expectativa com a criança por vir, afastando, de maneira sutil, a sensação de vazio existencial que a protagonista sofre pela perda da irmã.

Uma pequena manifestação de felicidade tenta se fazer sentir no ambiente melancólico da ficção, através da reformulação de papéis da personagem Halla, que não só seria uma filha e irmã, como também uma mãe. Percebe-se que há uma nova formação do núcleo familiar, podendo, dentro das devidas proporções, preencher a dor melancólica, ou mesmo o lugar de Sigridur no círculo familiar, significando a criança um todo, a base principal para Halla

retomar uma vida de emoções felizes, como a mesma expressa na seguinte passagem:

Vivia ansiosa. Ansiava pelo meu filho como quem fizesse o próprio mundo nascer. Depois que nascesse, ele ocuparia o lugar inteiro do mundo. Seria do tamanho inteiro de cada coisa e tudo se justificaria pela sua existência. Pensei: será o dentro de tudo. Ocupará o vazio deixado pela Sigridur. (MÃE, 2014, p. 69)

Halla deposita as esperanças que lhe restam no seu filho, como se tal fosse a única salvação, um ser que a permitiria sobreviver. Em um cenário tão desfavorável, o melancólico busca um fator que o possa motivar, trazer forças. Levi afirma que homens, envolvidos pelas suas agonias, “sofriam de um mal-estar incessante, que perturbava o sono e que não tem nome” (LEVI, 2016, p. 67), sensações que similarmente atingem o melancólico, pois este nada tem a não ser a sua tristeza. O fator que se apresenta para a protagonista seria um aspecto capaz de suprimir essa perturbação, a criança traz em si os desejos de libertação de Halla.

Os efeitos desse novo contexto que ronda Halla se expressam também na mãe das gêmeas, que, antes, persistia em atormentar Halla, acusando-a de se manter egoisticamente viva. Porém, notando a vinda da criança, a mãe renova as suas energias, acreditando haver chegado um ser que permitiria que tudo retornasse para como o era antes. O humor da personagem muda, vê em Halla, nesse instante, uma retomada de Sigridur, mantendo o sonho de ter, de certa maneira, de volta a filha, como notou temerosamente a própria Halla:

Tive cada vez mais medo da minha mãe. Ela achava que a vida voltaria a ser o que havia sido. Arrumou brevemente as facas. Sentia-se curada. Se o meu filho fosse o rosto da Sigridur, se crescesse à pressa para se pôr de espelho comigo, o milagre tinha vindo para que tudo seguisse com normalidade. Como se nada tivesse acontecido. Uma morte que não era nada. (MÃE, 2014, p. 70-71)

Apresentava-se para as personagens um momento marcante, em que os laços antigos poderiam se refazer, e um “apagamento” da morte de Sigridur ocorrer por causa da criança de Halla, suprimindo os ferimentos emocionais.

Anteriormente desestimulados, os melancólicos tentam superar o sofrimento, mesmo que para isso sintam que seja necessário substituir o objeto perdido, precursor do luto, por outro. Sai-se do abismo melancólico para um ambiente de expectativas, as quais são os fatores principais para esses melancólicos prosseguirem vivendo. Halla deixa de remoer a morte da irmã, assim como sua mãe comemora que poderá ter um ente tão querido de volta, mesmo que para isso se faça uma espécie de substituição, um objeto perdido por um mais novo querido.

Há, por outro lado, um sentimento que vem junto com as esperanças. Trata-se do medo, não somente em um sentido geral, mas do medo do melancólico de perder a única alternativa que existe, no seu ver, em meio ao seu ambiente precário. Halla tem pesadelos, sente o medo a consumindo, já que sabe, em seu interior, que carrega uma grande responsabilidade, a salvação de si, de sua mãe e mesmo de Sigridur: “O monstro que o medo criava, por outro lado, chegava de dentro. Sabia de coração cada gesto e pensamento meu. Sabia como me devorar” (MÃE, 2014, p. 72).

A estagnação do medo, originado da melancolia, é intensa ao ponto de sufocar Halla, colocando-a em choque com a apreensão da falha. A personagem tem ciência de sua fragilidade, das fraquezas que a melancolia causou em si, vê-se como prisioneira dos temores. O resultado disso é a infeliz perda da criança, e com isso também o fim da superação da melancolia e o fortalecimento dessa. O lado negativo, como se nota, do nutrir esperanças por parte do sujeito culmina em um aumento de sua tristeza, fazendo com que se torne ainda mais refém das condições que o mantém petrificado de lamentos.

Ademais, perder o bebê prejudicou Halla ao ponto de que o ódio, por parte de sua mãe, tornou-se ainda mais perigoso. As ameaças da figura materna, dizendo “não percas a tua cria. Se perdes a tua cria não tens perdão” (MÃE, 2014, p. 79), são uma pequena fração do retorno da violência e da raiva. De modo significativo, Halla começa a sentir raiva de si mesma, culpando-se, assim como culpa o seu vilarejo e a Deus, pelo abandono e descaso. Sua melancolia adentra a um maior nível, no qual ela simplesmente perde a crença de que pode, em algum dia, conviver com a dor da perda.

O seu descontrole emocional se reflete no momento em que a protagonista escuta a voz da irmã morta⁸, pedindo para que ela se esmurre na barriga, gerando a perda. Como é notável, existe uma espécie de hostilidade que prepondera na melancolia dentro do romance, obtendo-se de tais personagens ações violentas tanto uns para com os outros, quanto para consigo mesmos. A postura de indignação é tão extrema que, para expressar a dor que sentem, causam mais dores, podendo-se dizer que a melancolia se prolifera ao redor.

Direcionam-se sentimentos e palavras negativas, com, principalmente, Halla e a mãe travando diálogos de pura raiva e tristeza, com cada uma responsabilizando a outra pelo fracasso de suas vidas: “A minha mãe disse: fazes tudo assim, maldita, fazes tudo como se fosses um bicho. Vou gostar de te ver morta como um bicho também” (MÃE, 2014, p. 81).

Os desejos de sofrimento enfatizam como a melancolia predomina nessas personagens, desestruturando não só o lado individual, mas a coletividade da família em si. Estabelecem-se ligações baseadas em desgostosos, com cada indivíduo se perdendo em suas dores.

Para Freud, a melancolia se mostra uma categoria tão influente no sujeito que pode adotar a característica das mais diversas doenças, inclusive da neurose. Acaba-se por ocorrer um conflito entre o indivíduo e a realidade que o perturba. Portanto, segundo o teórico, pela neurose o doente procura “uma fuga da vida real” (FREUD, 2016, p. 279), ou seja, qualquer escape que permita arcar com a realidade, mesmo que tal seja a loucura.

Inegavelmente, é isso que a mãe faz, disparando a sua ira contra si e Halla, mas não é o mesmo feito pela protagonista. A melancolia atinge o grau de neurose obsessiva por ser um fator que cada vez domina mais a personagem, sempre retomando a figura de Sigridur. Assim, a protagonista se vê sucumbir perante a um distúrbio emocional ocasionado pela melancolia. Halla se encontra presa, vendo as suas reações falharem, estando, pensando nas palavras de Ginzburg, “inquieta com o futuro, pelo medo de um possível dano” (GINZBURG, 2012, p. 48).

⁸ Esse ponto dialoga com a ideia de “fantasma”, que será desenvolvida no decorrer da dissertação. A voz de Sigridur representa uma “lembrança que assombra”.

Por tal pensamento, Halla se apresenta sem saídas para contornar a problemática da melancolia. Seu estado é de estagnação, pois as opções para superar tal obstáculo vão se desfazendo com o passar da ficção, assim como o seu apego ao passado que a atormenta parece cada vez mais difícil de ser desfeito.

Contudo, o que leva a melancolia, e ao luto anteriormente abordado, esse constante sentir que nunca cessa? No caso do romance, trata-se da imagem de Sigridur, mas é preciso questionar como tal fator está sempre rondando as personagens. O ponto em que se deseja chegar é de que o luto e a melancolia dominam as personagens através da memória, das lembranças, questões a serem abordadas na sequência.

2.3 Os fantasmas da memória: a dor da lembrança

Debruçando-se sobre o tema da memória no romance, percebe-se que, em meio a uma categoria de considerável abrangência, esta se relaciona intimamente com o luto e a melancolia. Lembrar, para personagens como Halla e a mãe, é um modo que reitera suas angústias, tornando-as espectadoras da causa de suas tristezas.

Falar de memória é tratar de algo que atinge o sujeito não apenas em seu individual, mas a vida em meio aos seus semelhantes. Sabe-se que, pelo raciocínio de Primo Levi, recordar pode vir a ser um problema, algo prejudicial que desgasta o indivíduo, retomando as feridas mais profundas. No caso da ficção, Halla e a mãe são dominadas pela memória de Sigridur, que é um lembrete da dor que carregam. De modo distinto, o próprio Einar é fruto de uma memória que não permite o sujeito ser feliz, ou seja, as imagens que existem na memória atormentam as personagens.

Como é dito no próprio título desse subcapítulo, o tom a se dar para a memória é o de uma fantasmagoria, mais especificamente uma que gera melancolia. Obviamente, tal questão se refere a presente imagem de Sigridur ao longo da ficção. Contudo, antes de adentrar nesse assunto, deve-se refletir um

pouco sobre o comportamento mais geral dessa memória na existência das personagens.

Um ponto que fica em evidência na ficção é o de que a memória causa um “remoer” nas personagens, uma ruminação, ou seja, esses seres lamentam constantemente de seu passado, o qual sempre retorna pela memória. Nietzsche, em seu livro *Segunda consideração intempestiva*, afirma que o homem é presa de suas lembranças, remoendo-as ao ponto de se tornar infeliz e apático. Atenta que o indivíduo está sempre “preso ao que passou: por mais longe e rápido que ele corra, a corrente (o seu passado) corre junto” (NIETZSCHE, 2003, p. 8).

Pelas palavras de Nietzsche, há uma submissão do homem para com o seu passado, ocorrendo que por mais que se tente criar um afastamento, o passado se faz sentir através da memória. Quando Halla, nas mais distintas situações que se apresentam no romance, pensa, escuta ou mesmo vê Sigridur, é desse passado que manipula as lembranças do qual se fala. Halla é tanto domada pela figura que guarda da irmã, figura essa como símbolo de um passado melhor do que seu presente, assim como tem em si as recordações da morte e da tristeza da perda.

Desse modo, pelas palavras de Nietzsche, “a existência é [...] uma coisa que vive de se negar e de se consumir, de se autocontradizer” (NIETZSCHE, 2003, p. 9), já que Halla é envolvida pelas lembranças do fim de Sigridur, contradizendo-se e negando qualquer tipo de mudança. Os conflitos com a mãe e o afastamento com o pai são reflexos do domínio da memória sobre ela, sua vida não está em paz porque ela lembra, e deseja insistentemente lembrar, da irmã falecida.

Seja perdida nos próprios pensamentos, ou mesmo se olhando no espelho, Halla busca a irmã em seu passado e, por consequência, coloca-se em um maior estado de melancolia a partir da memória: “Andei comigo as coisas nenhuma que me pertenciam. Levei a camisola da Sigridur. [...] Senti que a Sigridur era o passado. Estava no passado igual a ter-me abandonado” (MÃE, 2014, p. 89). Por mais que diga que Sigridur se encontra no passado e a abandonou, a protagonista é incapaz de não pensar nela, não se envolver com

as lembranças que carrega, estabelecendo assim um vínculo negativo com a imagem dessa irmã morta.

No livro de Primo Levi⁹, faz-se notar as palavras do testemunho de um homem que carrega em si memórias do horror que vivenciou. Existem, nos mínimos detalhes que o pensador apresenta, marcas do terror nas lembranças expostas. Nessa aptidão da memória, Levi reflete sobre o teor traumático que determinadas experiências podem causar, expressando-se significativamente na ação de recordar:

[...] a recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evocá-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar [...] (LEVI, 2016, p. 18).

Mais do que necessariamente pensar em quem inflige ou sofre o trauma, no caso de Halla fica em destaque a dificuldade de se conviver com a experiência intensa que foi a morte da irmã. Essa perda, que também pode ser considerada como traumática, manifesta-se como melancolia que coloca o indivíduo em confusão a partir de suas recordações, as quais o fazem não saber se deve se livrar delas, escondê-las ou discorrer sobre elas.

A memória de Sigridur, que há em Halla, é um fator que paralisa a protagonista. Por isso, a jovem pensa no desejo de morrer e na falta de sentido em sua vida. Seus atos estão sempre comprometidos, pois as memórias vêm sempre acompanhadas de uma carga de melancolia, que a lançam uma vez mais para o passado. Perdida, a personagem apenas deseja direcionar a sua atenção àquilo que já passou, como já se comentou, a sua existência é constituída por decepções que ressaltam as recordações negativas, trazendo de volta a memória da irmã que se foi.

Paul Ricoeur, na obra *A memória, a história, o esquecimento*, reflete que as recordações são constituídas por um jogo de imagens de um passado que não mais existe, mas retorna. Seguindo um raciocínio da filosofia de Platão,

⁹ O já citado *Afogados e sobreviventes*.

expõe a perspectiva de que a memória fala de uma “representação presente de uma coisa ausente” (RICOEUR, 2007, p. 27), ou seja, evoca algo que não existe mais. Halla exerce tal capacidade, faz esse passado regressar, mas de um modo prejudicial, pois essa ausência representa tristeza e solidão.

Sigridur é uma “presença” que demonstra como Halla falhou, tendo sua vida conduzida por decepções, guiada por uma ideia de irmã que aponta o quão vazia a personagem é, assim como a sua vida: “A vida, agora, era a direção que eu lhe conferisse. [...] Era uma mulher tão completa como apenas a tristeza as sabia fazer” (MÃE, 2014, p. 89).

Mesmo com o passar do tempo, e o crescimento da personagem, percebe-se que a protagonista continua influenciada pelo desencanto que a falta da irmã gera. Por mais que afirme para si que Sigridur representa um outro período de sua vida, Halla se agarra, talvez de um modo mesmo inconsciente, à imagem da irmã. Seu sofrimento não permite que o passado permaneça para trás, mas, pelo contrário, posiciona-o em frente da protagonista, como uma ferida melancólica.

As situações que surgem para Halla não contribuem para a superação de suas dores, pelo contrário, ocorre uma intensificação dos lamentos. A perturbação de sua mãe, os traumas de Einar e o desdém das pessoas ao seu redor resultam em constantes entristecimentos, assim como o já mencionado abandono. Halla é vítima de emoções negativas, que se expressam na imagem do ser querido que se fora, da irmã morta que não deixou de influenciar a sua realidade.

Por esse raciocínio, considera-se que a memória da protagonista, e igualmente de seus demais familiares, possui características daquilo que Paul Ricoeur define como uma memória ferida. Segundo Ricoeur, as experiências de considerável intensidade podem acabar por criarem impressões dolorosas no sujeito, as quais se expressam como imagens que demarcam as piores sensações, sendo estas um efeito do ato de lembrar.

O pensamento de Ricoeur se baseia nas observações de teóricos como Freud e Levi, refletido em como determinadas vivências podem transformar alguém em um ser traumatizado, envolvido por temores. O teórico diz que essas

memórias se formam a partir de “expressões correntes como traumatismo, ferimento, cicatrizes, etc”, causando “alterações individuais e coletivas devidas ao uso, à prática da memória” (RICOEUR, 2007, p. 83).

A ação da memória acaba por se constituir em infligir sofrimento, gerar estragos emocionais e psicológicos no sujeito, pois a experiência traumatizante, no caso do romance também um acontecimento melancólico, é demasiado forte. A resistência de Halla é insuficiente para superar a imagem da melancolia que é Sigridur, seus sentimentos se direcionam unicamente para uma relação de dependência com esta, um vínculo prejudicial com aquilo que se perdeu.

Em *Além do princípio de prazer*, Freud explora o tema do trauma, da memória e da dor, que atingem o sujeito através, como ele mesmo comenta, do susto, ou seja, de algo inesperado. Para Freud, tal questão possui “sintomas fortemente desenvolvidos de sofrimento subjetivo, mais ou menos como numa hipocondria ou numa melancolia, e às provas de um enfraquecimento e uma deterioração gerais muito mais amplos das atividades psíquicas” (FREUD, 2016, p. 47).

No caso da narrativa, as personagens passam por esse tipo de situação, já que se tem uma mãe que expressa sua dor em raiva, falando de modo descontrolado sobre matar Halla, e mesmo a ferindo; um sujeito como Einar que não compreende sobre o seu passado, devido a um acontecimento traumático que presenciou; e a protagonista, uma garota que vive à sombra de Sigridur, rodeada pelo sentimento de melancolia.

Devido a suas constantes perdas, Halla é uma personagem que carrega em si as mais diferenciadas marcas. Seu percurso nada mais é do que uma criação do sentimento de tristeza, pois as escolhas feitas, como seus efeitos, deixam transparecer a importância da morte de Sigridur para si. A realidade perde o propósito, sendo que para Halla não foi o fim apenas de sua irmã, mas de sua família e vida em meio aquele local.

Pode-se considerar que ocorreu um efeito em escala, a morte da personagem causou uma resignificação na protagonista, fazendo com que ela visse o mundo de maneira diferente. O amor de Halla pela irmã, que se tratava

de uma parte de si, machuca-a como um “amor que é feito de ódio também” (MÃE, 2014, p. 89).

O ódio, assim como a resignificação de sua existência, devem-se aos efeitos de tal perda na memória de Halla. Sigridur é uma recordação triste, um vínculo com um passado perdido para sempre. A personagem sente as consequências de uma vida melancólica e sem sentido por lembrar, desgastantemente, que sua irmã não mais existe, sendo um fator perdido, com tendência a lhe atormentar.

Por isso, Halla busca, sem sucesso, centrar-se em uma vida com Einar. Contudo, falha, pois não é tão simples deixar as memórias para trás. Pelo contrário, a ficção de Mãe demonstra que as perdas, como também as falhas e os mais distintos momentos de fraqueza, retornam para dificultar o convívio do sujeito em sociedade. A personagem principal é um ser totalmente diferente dos outros, não se encaixa mais em meio a população, questão resultante da dor da perda de Sigridur.

Precisa-se destacar que, como apresenta a narrativa, o passado não é um momento perdido, de pouca significação. Ao contrário, Halla sente Sigridur retornar da pior maneira, como uma fonte de angústia. Sente que tudo anteriormente construído, como relacionamentos e quaisquer tipos de conquista, desfizeram-se. A jovem notava que a morte tirara tudo dela, deixando somente lembranças ruins. Não por menos, Halla afirma que “A morte é egoísta. [...] A morte não dá direito a nada. É a supressão de toda a dignidade” (MÃE, 2014, p. 89).

Por dignidade, nesse contexto, pode-se entender como a impossibilidade de se existir, em um padrão de valores sociais, correta e respeitosamente consigo mesmo. Demonstra-se que a perda de Sigridur, para a sua família no geral, foi o fim da capacidade desses elementos de conviverem harmoniosamente entre si. Cada um carrega em si essas marcas, enfatizando os sentimentos de luto e de melancolia, ou seja, suas memórias são constituídas por fatores que os direcionam para tristezas, dores e lamentos sem condições de mudanças.

A memória, por esse viés, é uma categoria que torna mais sensíveis os indivíduos a suas experiências ruins. Acaba por acontecer que nenhum deles superam, ou mesmo conseguem conviver, com os acontecimentos do passado, pois é como se estes momentos continuassem junto a eles. De certo modo, Sigridur não desapareceu, é um ser que, através do ato de lembrar, mantém-se influente em cada situação do romance.

No livro *Tempo passado*, Beatriz Sarlo desenvolve o seu pensamento acerca da relação do passado com o presente, defendendo que o passado se manifesta no “agora”, redesenhando o sentido das mais diferentes vivências do homem. Similarmente a Paul Ricoeur, Sarlo destaca como esse passado é “móvel”, uma ideia que deve sempre ser repensada, já que atinge as ações mundanas, de um modo que representa algo muito maior do que simplesmente aquilo que passou. Desse modo, para Sarlo:

O passado é sempre conflituoso. [...] há algo inabordável no passado. [...] ele continua ali, longe e perto, espreitando o presente como a lembrança que irrompe no momento em que menos se espera ou como a nuvem insidiosa que roda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar. Não se prescinde do passado pelo exercício da decisão nem da inteligência; tampouco ele é convocado por um simples ato da vontade. O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente. (SARLO, 2007, p. 9)

O passado, segundo o pensamento de Sarlo, retorna através da memória de um modo, em muitas vezes, prejudicial, comprometendo o presente. Observa-se que as recordações, constituídas por experiências que causaram males ao sujeito, tendem a exercer uma função de limitador, ou mesmo de “punidor”, para aquele que lembra. Portanto, o que passou, na verdade, continua se manifestando, pois lembrar se torna um peso.

Comparativamente, isso se passa com Halla, a protagonista se apresenta como uma pessoa presa às lembranças da irmã, submissa às amarguras do passado. Tal questão ocorre continuamente, mesmo que não seja a sua intenção, com esse passado a perseguido a partir do ato de recordar. Como diz Sarlo, “A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável” (SARLO, 2007, p. 10), ou seja, trata-se de uma força que domina o sujeito,

guiando suas ações devido a intensidade das impressões existentes na memória.

Pensando na maneira em que Halla se porta na narrativa, sempre comentando da irmã morta, ou mesmo carregando algum item que pertencera a ela, há uma relação próxima do comportamento da personagem principal com as observações feitas por Sarlo. Faz-se notar uma dominação do passado sobre a vida de Halla, sendo Sigridur uma imagem gravada em sua memória, a qual carrega um sentido que culmina em desespero para a protagonista, já que essa perda criou um contexto de desgaste para si, no qual se expressava em maldosos comentários por parte das pessoas do vilarejo:

Eu ouvia os comentários admirados. A menos morta está mais pálida, vai dar-lhe uma falta de sangue e tomba. A menos morta está mais gorda, já deve andar de esperanças outra vez, ainda tomba à segunda por ser a burra que é. A menos morta tem um olho pisado, aquilo deve ser o tolo que lhe bate, e que bata, a ver se ganha juízo, que lhe faltou muita educação. Vai tombar. (MÃE, 2014, p. 94)

Percebe-se que, na mínima tentativa de mudança por parte de Halla, as pessoas a criticam, ofendendo-a e, por consequência, direcionando-a para um estado ainda mais profundo de melancolia, reforçada pelo repúdio. O cenário é para si desfavorável, pois no momento em que há um esboço de tentativa de superação, mesmo que mínimo, há outros ao redor que tentam diminuir a personagem.

Freud, em suas reflexões sobre a memória e o trauma, considera que o sujeito precisa fazer uma “construção (das respostas), por meio de sua própria memória” (FREUD, 2016, p. 57), logo, precisa buscar a maneira de sanar os seus tormentos dentro de si mesmo. Todavia, Halla não consegue, por mais que tente, ser bem sucedida na superação da morte de Sigridur, já que a população do vilarejo a ataca, retomando perfidamente a imagem da irmã morta. Sarlo observa que “o tempo do passado não pode ser eliminado, é um perseguidor que escraviza ou liberta” (SARLO, 2007, p. 12).

Halla é escravizada por essas lembranças, atingida pelas feridas do passado, as quais são sempre enfatizadas pelo pai ausente, pela mãe violenta

e pelo desprezo, com boa parte deste vindo das pessoas do vilarejo. A protagonista tem, por isso, um desgosto pela vida. Sente-se desmotivada, colocando-se, mesmo que inconscientemente, relutante para uma superação da melancolia. Pontos que a levam a pensar do seguinte modo: “Competia-me, compreendia muito bem, a vida. Ainda que a vida fosse uma manifestação muito ténue, quase de má vontade” (MÃE, 2014, p. 94).

Para Halla, existir se torna cansativo, devido tanto aos julgamentos alheios, como às dores que carrega em si. Sem estímulos, Halla não possui nenhuma fonte de felicidade, tendo em seus “laços afetivos” (os quais, como já se disse, muito frágeis), uma tentativa frustrada de superação da melancolia, que acaba por não funcionar. Tal falha se deve a suas impressões do passado, uma memória que a conduz para o já mencionado abismo benjaminiano.

Entretanto, precisa-se especificar o tipo de memória que afeta as personagens. Nos casos, por exemplo, de Einar e da mãe, vê-se os danos causados pelas lembranças, com a supressão das recordações e a violência, nos respectivos casos. Há um teor traumático que envolve o romance, originado pela ideia de perda. A família de Halla, e o próprio Einar, possuem perdas em suas vidas, as quais os encaminham não só para as decisões tomadas, como também para os mais distintos tipos de sofrimento.

Esse tema, o da memória e o trauma, pode ser abordado de alguns modos. Pensando em um teórico como Primo Levi, observa-se o trauma advindo de vivências trágicas, como os campos de concentração. Levi define tal categoria como “uma ferida profunda infligida à dignidade humana” (LEVI, 2016, p. 90), a qual torna o homem prejudicado emocional e psicologicamente, sentindo-se depreciado e mesmo desnorteado. A definição de Levi é um pouco diferente da de Freud, que pensa como um psicanalista, atentando para a origem dos sintomas traumáticos a partir do susto, de um momento impactante.

As duas colocações, que não se limitam ao que fora dito, demonstram como essa relação da memória com os sentimentos de teor negativo é abrangente. No caso da ficção, os traumas direcionam as personagens para o luto ou para a melancolia, sendo, na maioria das vezes, impulsionados pela morte da personagem Sigridur. A figura paterna, alienada quanto ao que se

passa, a mãe, mutilando à outros e a si mesma, e a protagonista, que sente parte de si desaparecer, demonstram que os tormentos, existentes em suas memórias, colocam cada um deles em estado de profunda tristeza.

Sarlo comenta que, quando as situações as quais se passaram com o sujeito o atingem significativamente, ele tem por costume se mostrar confuso quanto ao seu passado e muitas vezes não percebe a relevância que há para o seu presente. Nas suas palavras, ocorre uma “insegurança perturbadora causada pelo passado na ausência de um princípio explicativo forte” (SARLO, 2007, p. 15). A falta de sentido, ou mesmo de explicação no passado, compromete a visão do presente, deixando o sujeito pasmo, sem reações.

Sem entender as razões daquilo que lhe acontece, a pessoa se sente perdida, questão que aparece em Halla, a mesma acaba por não compreender os tratamentos da mãe, o afastamento do pai e, principalmente, o porquê de Sigridur ter morrido. A tristeza, que prepondera em si, faz com que a protagonista ironize os males que a cercam, assim como ao próprio Deus desinteressado: “Deus certamente bocejaria se assistisse ao espetáculo pequenino das nossas vidas. Estaria indubitavelmente olhando para o outro lado, para outro lugar” (MÃE, 2014, p. 95).

As causas que levam a personagem principal ter tais pensamentos são baseadas, em linhas gerais, pelas memórias que carrega, pois, ao repassar tudo o que já viveu, Halla nota como essa existência é vazia, tendo proporcionado apenas decepções. Ao estar rodeada pela imagem de Sigridur, Halla vê o quanto se encontra presa às injúrias impostas pelo seu percurso de vida. A personagem se sente como uma “marionete”, manipulada pela ausência/presença da morte (como pensa Paul Ricoeur) e pelo ódio que direcionam para si, sendo, dessa maneira, inibida por suas tristezas.

Contudo, já se compreende como essa memória carrega, ou melhor, expressa e intensifica os sentimentos de luto e de melancolia, a partir do seu “armazenamento” de informações, constituídas pelas experiências de cunho negativo. Levanta-se, portanto, um questionamento importante: De que modo as recordações de Sigridur se fazem sentir, beirando a uma quase materialização

dessa figura que representa a perda? A resposta tem como base a ideia do fantasma.

O teórico Giorgio Agamben, no livro *Estâncias*, desenvolve a categoria do fantasma a partir, basicamente, de dois pontos: Eros (ideia de prazer) e melancolia (tristeza relacionada à perda), ambas questões tendo como inspiração a perspectiva freudiana. Agamben comenta que o fantasma se trata de, mais do que uma assombração, a impressão deixada pelo fim do prazer e, por consequência, o sentimento de tristeza profunda.

Desse modo, surgem fatores que colocam o sujeito em um estado de lamentações, pois, na maioria das vezes, a causa de suas angústias retornam na forma dessa imagem representativa, ou seja, do fantasma. Agamben, em meio a essas colocações, acrescenta que surge, dessa relação entre indivíduo e melancolia, “uma revolta contra a perda desse objeto de amor”, resultando em “fantasmas do desejo que conseguem enganar a instituição fundamental do eu, que é a prova da realidade” (AGAMBEN, 2007, p. 48).

Por esse caminho, percebe-se que o surgimento da melancolia encaminha o homem para um estado em que, além do tormento habitual da tristeza, deve confrontar a face de sua condição, a qual se trata desse fantasma, capacitado a comprometer as noções de realidade. Com as suas percepções prejudicadas, pode-se dizer que se estabelece um vínculo da pessoa com a representação de seus males. Sem prazer, que nesse caso se trata de simplesmente sentimentos positivos, de felicidade, resta uma aproximação com as fantasmagorias não apenas da perda, mas do passado.

Sendo assim, o fantasma causa perturbações, levando com que se pense nas tristezas e no momento da perda, assim como, segundo o teórico, têm-se a influência de uma imaginação a qual coloca algo que não mais existe, fisicamente falando, como um fator ativo na vida. Tais aspectos dialogam, inclusive, com psicoses e alucinações, já que essa deturpação da realidade é causada pelo fantasma. Devido a isso, ocorre um choque entre o que é real e os danos no âmbito psicológico e emocional que rondam o melancólico, constituídos por essa ausência que “o eu deve negá-la por não poder suportá-la” (AGAMBEN, 2007, p. 49).

O fantasma, e igualmente os sentidos que essa ideia engloba, são retomados pela habilidade da memória de lembrar, trazendo de volta os períodos turbulentos e que, se fosse possível, o sujeito gostaria de esquecer. As recordações tomam a forma daquilo que define, em uma maior ou menor proporção, a condição em que a pessoa se encontra, que abrange desde a infelicidade a uma sensação de fardo.

Todavia, pelo raciocínio de Agamben, há uma característica funesta no melancólico atormentado pelos seus fantasmas pessoais devido ao seu desentendimento com o próprio passado. Existe uma “dúplice polaridade” (AGAMBEN, 2007, p. 52), um desequilíbrio de suas sensações, colocando o sujeito em condições de extrema tristeza, solidão ou saudosismo.

As representações fantasmagóricas direcionam para a já mencionada apatia melancólica, ou mesmo a enfatizam, sendo que ao se deparar com o “rostro” de uma experiência mal sucedida, as medidas a serem tomadas pela pessoa melancólica parecem lhe escapar de qualquer compreensão. Portanto, imperam posturas como a de pânico, desolação e desmotivação, porque o fantasma é um desagradável lembrete de um acontecimento ruim.

Além disso, pode-se acrescentar a perspectiva desenvolvida por Jacques Derrida, na obra *Espectros de Marx*, na qual ele pensa na categoria do fantasma vinculada tanto ao passado como a uma assombração daquilo que fora “material”, ou seja, de algo que se fora, mas persiste em permanecer no presente. Para o teórico, a fantasmagoria persegue o sujeito, pois esse não consegue se desapegar daquele ser antes desejado.

Por esse raciocínio, engloba-se na visão de fantasma discorrida por Derrida “todos os objetos de nossas controvérsias” (DERRIDA, 1994, p. 19), os quais vão desde aquilo amado pelo homem, até questões que geram temores. O fantasma se trata sempre de algo que retorna, possuindo uma conotação negativa. Pode-se dizer que ele envolve o futuro, sendo “o passado como porvir absoluto” (DERRIDA, 1994, p.34), pois aquele que é atormentado pelos fantasmas, é incapaz de perceber um cenário em que não haja a presença de tal imagem.

Pensando na ficção, os apontamentos mencionados condizem com o contexto em que Halla está inserida. Ao seu redor, as pessoas se afastam, restando somente memórias da morte de Sigridur. Essa, além de agir como uma voz na consciência da protagonista, manifesta-se toda a vez em que Halla se olha no espelho. Vendo a si mesma, a personagem principal tem a sua frente o seu passado, a fonte de seus impasses, em suma, o seu fantasma, que por mais que o tempo passe, não desaparece.

Entretanto, a relação entre a irmã morta e um fantasma que assombra, não de modo fantástico, mas como uma recordação que consome a personagem, não se limita apenas a semelhança entre as duas. Sigridur é um fantasma que reforça a todo instante a melancolia de Halla, por estar nos pensamentos não só da irmã viva, como do resto da família e das pessoas daquele espaço.

A ideia de uma imagem que vem do passado, e permanece ligada aos “vivos” do presente se encontra nesses indivíduos, incapazes de se sobressair às suas tristezas, como se nota nas palavras de Halla: “Pensei que a Sigridur me aguardaria mesmo ao começo da escuridão, toda fantasma e bastante habituada à morte” (MÃE, 2014, p. 60). Retoma-se o passado, a partir das reflexões mais pessoais, construindo, assim, uma imagem fantasmagórica. Halla é “perseguida” pela morte da irmã porque, intensamente, fala ou pensa sobre ela, evocando as recordações, como a imagem da mesma, resultando em um “mal-estar da percepção”¹⁰ (DERRIDA, 1994, p. 30).

A capacidade de seguir com a própria vida deu lugar a uma desgastante reconstrução do presente, no qual a protagonista tenta inserir a irmã que se fora, torná-la um “sentimento vivo”, mesmo que, além dessa não o ser, prejudique-a. Não por acaso, Agamben usufrui da teoria freudiana, apresentando o termo “fantasmas do desejo” (AGAMBEN, 2007, p. 53), que pode se relacionar com essa intenção que há no indivíduo em querer que uma parte preciosa de seu passado, que se fora, continue junto a ele.

¹⁰ Expõe-se tal ideia porque o apego de Halla para com a imagem da irmã resulta em uma deturpação de todas as suas noções acerca do mundo, logo, tem a sua percepção afetada.

Halla, em parte por vontade e por parte por pressão da mãe e das demais pessoas, lembra de Sigridur para que uma parte de sua vida anterior, como de si mesma, ainda possa existir. Procura-se transformar o perdido em algo, mesmo que sutilmente, uma vez mais existente, ou seja, trocar uma irrealidade por uma noção de algo que seja real, estabelecida pelos desejos pessoais, como destaca Agamben:

O objeto perdido não é nada mais que a aparência que o desejo cria para o próprio cortejo do fantasma, e a introjecção da libido nada mais é que uma das faces de um processo, no qual aquilo que é real perde a sua realidade, a fim de que o que é irreal se torne real. Se, por um lado, o mundo externo é negado pelo melancólico como objeto de amor, por outro, o fantasma obtém dessa negação um princípio de realidade, e sai da muda cripta interior para ingressar em uma dimensão nova e fundamental. (AGAMBEN, 2007, p. 53)

A negação do mundo real é um fator que cria essa imagem do fantasma, dando contornos confusos à realidade. Um passado que atinge o sujeito prepondera por ser o estímulo fundamental nesse mundo, procurando-se fazer o que se passou relevante, já que, para o melancólico, sem ele nada teria um propósito. Indignar-se com a possibilidade de uma realidade sem Sigridur faz parte das características de Halla, uma personagem que prefere não aceitar o ponto final dado pela morte.

O fantasma que a controla, assim como também controla a família, é uma projeção dos desgostos, frustrações e feridas que formam cada um deles. Mesmo que em algumas passagens da ficção Halla diga que, naquele dado momento, deixará Sigridur para trás, isso não acontece, ela persiste com as recordações, continua a atrelar as situações que a rondam à perda da irmã. Sua pessoa é interligada a esse fantasma, a jovem tem perto de si pertences da irmã, questão que demonstra a necessidade de pensar nela.

Halla demonstra, mesmo que não seja necessariamente a sua intenção, como precisa de Sigridur, a partir do momento em que, ao estar relacionada com Einar, sente e se questiona acerca da solidão: “A solidão era uma estranha companhia” (MÃE, 2014, p. 99). Ao estar com alguém, a protagonista se sentia sozinha e desamparada, a imagem da irmã morta era somente aquilo que tinha,

forçando-a a permanecer junta a essa lembrança, quase paralisada em um período inexistente, anterior ao desaparecimento da irmã desse mundo.

No entanto, atenta-se que a personagem sabia que, de fato, a irmã não mais estava junto a ela. A obra de Mãe destaca como Halla tem ciência disso com, inclusive, sentindo remorsos por ser ela a que está viva das duas. Halla recorda, vê de frente o fantasma do passado, sentindo-se por isso diminuída, desvalorizada. O fantasma preenche em sua mente ideias de como essa vida é um erro, já que deveria ser ela, Halla, a morta, não a irmã que era a “sonhadora”. Com isso, a protagonista condena a si mesma, pensando nas características positivas de sua irmã, em contraponto a sua própria inferioridade:

Das duas, a Sigridur era a sonhadora. Se a morte não a tivesse traído, esperá-la-ia uma vida de maravilhas por diante. Mas a vida não pertencia aos sonhadores, ainda que talhados para o sucesso. A vida era dos que sobravam. Em sobrar estava a oportunidade de prosseguir e de alguma vez ser feliz.

Eu sobrava. Não tinha o caráter da minha irmã. Percebia isso cada vez melhor. Seguiria-a sempre. Ela, cheia de ideias e inspirações. Eu, oca, uma existência pela rama, a ganhar conteúdo pelo fascínio que ela exercia sobre mim. Não era nada a metade valiosa da nossa vida. Eu era a metade fraca. Teria sido apenas justo que eu morresse em troca dela. (MÃE, 2014, p. 102)

A depreciação de Halla por si mesma demonstra a força que há na ideia de fantasma, atrelada a uma memória que funciona como um catalisador da melancolia. Pelas lembranças, as personagens vão se pondo cada vez mais presas ao seu passado, expressando, cada uma a sua devida maneira, como esse fantasma os perturba. A mãe, ao pensar na imagem da filha perdida, expõe um ódio descontrolado. O pai, no seu breve momento de presença no romance, recordando da filha morta se obriga a um afastamento daquele ambiente mórbido que se tornara o seu núcleo familiar.

Já Halla, escravizada por um fantasma idêntico de aparência a si, mas que na verdade representa uma pessoa, no seu ver, mais qualificada para estar viva, considera-se empobrecida de qualquer valor existencial, colocando-se deprimente como um simples ser que carrega em si as memórias de alguém que

amou e que era, mais do que importante, superior a ela mesma em todos os sentidos.

Dessa maneira, nota-se que as categorias da memória e do fantasma se relacionam, produzindo maiores efeitos de luto como de melancolia. A ficção evidencia a árdua tarefa que é lidar com o passado, ainda mais quando esse se trata de um ambiente marcado pela perda, pela sensação de fracasso. Essas memórias, ao adotarem a forma de um fantasma no molde do ente mais querido, geram o efeito de ruminação mencionado por Nietzsche.

Para o filósofo, quando o indivíduo se deixa controlar pelo passado, especificamente pelas recordações que carrega, acaba por enfraquecer a si mesmo, prejudicando-se a tal ponto que pode perder até mesmo a saúde mental. Em suas palavras, ao se recordar demasiado, gera-se “um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, no qual o vivente se degrada e por fim sucumbe, seja ele um homem, um povo ou uma cultura” (NIETZSCHE, 2003, p. 10).

Prendendo-se às memórias, o homem vai em direção a um declínio, no qual contribui para uma sujeição do mesmo ao sofrimento, a melancolia ou a tantos outros males. Pode-se dizer que, ao adentrar excessivamente nas recordações do seu passado, o indivíduo se desgasta, tornando-se fragilizado, vulnerável.

Tal debilidade está intimamente relacionada à memória, que faz com que esses sofrimentos continuem presentes. Lembrando, cria-se uma espécie de “encarceramento”, no qual a pessoa cai em profundos males. Refletindo quanto a Halla, assim como em sua família, viver junto a esse fantasma de Sigridur os destrói, desconstruindo as relações afetivas, suas visões de mundo e quaisquer sentimentos de afeto. As personagens se transformam em restos, resultados de suas dores, sendo isso causado pela capacidade de recordar.

Como se evidencia, a fantasmagoria de Sigridur não é simplesmente uma aparição, mas a personificação da melancolia, do luto e mesmo do medo em continuar existindo em uma realidade sem o objeto querido. Os rastros da memória, apontados por Paul Ricoeur, no presente caso, tratam-se das marcas deixadas por aquilo que se foi, no caso de Sigridur.

Considerando-se a irmã morta como um ser, não só querido, mas necessário para cada um dos constituintes da família, essa perda expõe como, sem aquilo que se ama, o ser humano fica em destroços. Mostra-se ainda mais difícil lidar com tal contexto porque a memória persiste, de modo incontrolável, fazendo com que o indivíduo se recorde do que perdeu, retornando, e mesmo intensificando, os aspectos depreciativos que o rondam.

Por isso, Halla e a família sucumbem, perdidos em meio às suas visões da irmã morta. Esforçadamente, sem perceberem, colocam esse ser no seu cotidiano, pois lamentam e desejam compensar essa perda da pior maneira possível. Halla opta por sempre a guardar na memória, colocando-a como superior a si, um objeto de maior valor, mudando o seu significado para algo, como a mesma diz, genuíno: “Pensei que ela era genuína e eu apenas uma imitação” (MÃE, 2014, p. 103).

Mesmo similar a ela, a protagonista sente que grandes diferenças a separam da irmã. A segunda é colocada em um patamar superior, por, principalmente, ter sido perdida e idealizada. A memória evoca esse fantasma da melancolia para colocar sempre em destaque as falhas e o desgosto que cada um sente por si mesmo, pois carregam o peso de recordar de Sigridur.

Constitui-se, assim, uma “referência negativa” que, para Agamben, acomete em algo “imaterial e intangível, por remeter continuamente para além de si mesmo, para algo que nunca se pode possuir realmente” (AGAMBEN, 2007, p. 62). Desse modo, as personagens se encontram em uma disputa constante com esse desejo de ter Sigridur novamente, mas que é impossibilitado pela morte. As insistências acabam em lembranças que os machucam, mostrando como a criação desse fantasma prejudicou as suas vidas, afastando-os uns dos outros.

A linha de raciocínio seguida possibilita pensar nas considerações feitas por Régine Robin, no livro *A memória saturada*. Se Nietzsche apresenta a noção de ruminação no ser humano, que se martiriza com as próprias memórias, Robin pensa na categoria da memória como algo que, devido a carga de intensidade existente nas recordações, pode saturar, ou seja, tornar-se incapaz de lidar com todos os fatores que rondam a habilidade de lembrar. Estes estariam, por

exemplo, relacionados a aproximação, feita pela ação de recordar, entre o passado e presente.

Como diz a autora, há uma atípica relação entre esses dois, com a intensidade das marcas do passado influenciando o presente e “sobrecarregando” a memória: “O passado vem nos visitar permanentemente” (ROBIN, 2016, p. 19). A seguinte observação dialoga com a ideia de fantasma, aqui tendo como base o pensamento de Agamben. Recordar é um modo de trazer o passado de volta, colocá-lo como um fator ativo.

Por causa disso, o indivíduo se sujeita às vontades da memória, aos fantasmas de seus atos, como de seus equívocos. Procurando explicar o que quer dizer com saturação da memória, Robin faz apontamentos que vão desde o desprezo e a banalização do passado, assim como o da falta de compreensão dos acontecimentos históricos que abalaram as estruturas da sociedade. A teórica enfatiza essa perspectiva da seguinte maneira:

Saturação por inversão de signos, suspensão de um passado próximo, mas não pensado, não criticado, não decantado [...] Saturação por histerização da relação com o passado, da relação com a origem real e imaginária, pelos fantasmas da autenticidade interposta [...] Saturação por uma indiferença ao passado [...] Saturação, enfim, por causa dos fantasmas do “tudo guardar” (ROBIN, 2016, p. 22)

Direcionando as reflexões de Robin para o romance, nota-se que um não entendimento do passado seria um dos principais motivos para colocar as personagens nas suas devidas situações. A família de Halla não aceita a morte de Sigridur, permitindo que o luto e a melancolia os controlem, deteriorando a sensibilidade de cada um. Mesmo Einar, que sofre de traumas diferentes dos demais, não tem ciência dos efeitos do seu passado. Os constituintes da ficção de Mãe demonstram que não foram capazes de saber como os ocorridos os atingiram, por isso são afetados por esses fantasmas.

Inclusive, como fala Robin, a intenção de “guardar” as informações na memória, de manter tudo no pensamento, não é benéfico para as personagens. Colocar a imagem de Sigridur sempre em um lugar de destaque age, de tal maneira, como um lembrete no presente que somente traz dor. Os sentimentos

de abandono, de ira e de desgosto por si mesma que Halla sente são reflexos da presença do fantasma de sua irmã.

Mesmo que, ao seu redor, o cenário passasse por uma mudança natural, mantendo-se diferente do que era na época em que Sigridur ainda estava viva, Halla opta por manter o fantasma, o vazio da irmã morta, nas suas lembranças: “O vazio destruído da Sigridur, que só podia viver na memória” (MÃE, 2014, p. 107). A postura de Halla gera uma estagnação, característica da melancolia, que é enfatizada por ela insistir em se lembrar através dessa imagem do fantasma.

Agamben, ao usufruir do pensamento de Aristóteles, diz que, além do fantasma ter por base o desejo, também tem íntima relação com a memória, já que essa é formada por inúmeros conjuntos de imagens que retomam o passado. Para ele “não se pode ter memória sem fantasma” (AGAMBEN, 2007, p. 136), ainda mais quando se trata de memórias feridas, ou seja, que carregam em si impressões que desestruturam sujeito.

A categoria da memória, nas personagens da obra, realmente se mostra como algo que possui por base uma fantasmagoria, a qual tem a finalidade de colocar o objeto perdido, de um modo ilusório, de volta no presente. O sentido que se estabelece é o de que as lembranças são, mais do que a motivação da protagonista e de seus pais para tomarem determinadas atitudes, uma punição para aqueles que prosseguem vivos. A partir do instante em que se colocam a pensar em Sigridur, a tendência é de se tornarem cada vez mais entristecidos.

Por essa razão, as diversificadas experiências que vão se passando na ficção estão envoltas pela memória da irmã perdida, como se tudo que presenciasse deveria ser relacionado com a menina que se fora. Seus traumas, como angústias e erros se devem a dependência que sentem em trazer de volta a imagem de Sigridur, agindo de maneira que parecesse impossível não o fazerem, soando igualmente a um descaso.

Sigridur, na visão deles, precisava ser lembrada, necessitava-se elaborar e manter firme a figura do fantasma, pois tanto Halla como seus pais desejavam em demasia esse objeto perdido, supervalorizando-o depois da morte. O oposto dessa ação resultava em desprezo, Halla se odiava quando deixava, mesmo que minimamente, sua irmã de lado nos seus pensamentos, pois as duas, mesmo

que solitárias por estarem separadas pela vida e a morte, tinham que ser vinculadas.

Essa questão era ressaltada não apenas pela mãe, pelo pai ou mesmo pela própria protagonista, mas também pelos demais cidadãos que se encontravam naquele espaço: “As pessoas diziam que as irmãs mortas simbolizavam a solidão. Não se acompanhavam de ninguém, apenas uma da outra, como bastantes assim” (MÃE, 2014, p. 115). Pela fala de tantos outros, Halla só sente o seu remorso, como o peso de viver por duas, aumentar, conduzindo-a a uma melancolia intensa, que não a permite administrar bem os seus relacionamentos em meio a sociedade.

Sendo expressada a recordação de Sigridur através das palavras, Halla usufrui da aptidão da memória em controlar esse passado, armazenando-o de modo consideravelmente prejudicial, pois isso a torna submissa e fragilizada pelo passado. Halla é uma personagem que, mais do que se sensibilizar, diminui-se perante às memórias que carrega. Régine Robin traz a ideia de um “Desfile de espectros, de lembranças pervertidas” (ROBIN, 2016, p. 52) para aquelas memórias que são alteradas, ou deturpadas para alguma finalidade específica, mas que também podem ser pensadas como recordações que ferem o indivíduo.

A colocação feita pela teórica faz com que se reflita sobre como o homem tende a querer manipular o seu passado, as suas lembranças, com finalidades que variam, mas normalmente visam vontades individuais ou coletivas. Halla mentaliza a irmã, coloca-se unida a esse fantasma, mudando características, aumentando qualidades, idealizando-a, para tentar encontrar respostas ou viver em um mundo no qual precisa arcar com tal morte.

Há nas personagens de Mãe um conflito, formado pelo desejo e pela conotação que o fantasma possui, carregando as marcas de maior intensidade do passado, abrangendo uma carga de significação que, como se notou na presente análise, Halla e seus familiares não conseguem arcar. Robin analisa os sentidos que existem na ideia do fantasma, apresentando tanto a retomada de acontecimentos, como de sentimentos recalcados:

O espectro, o fantasmagórico, o fantasma, conotando o retorno do recaiado, mas também todas as bifurcações, as vias não falseadas pela história, os derrotados, as soluções abandonadas, as utopias sufocadas. O espectro, aqui, é o terceiro espaço que vai permitir transmitir uma parte da herança, o passado aberto naquilo que ele tem ainda a nos dizer e no que temos ainda a lhe dizer. (ROBIN, 2016, p. 58)

O passado, a partir da memória, surge com a intenção de retomar algo, normalmente de importância para o sujeito. Pelas palavras de Robin, a figura do fantasma, essência das recordações, traz o que passou uma vez mais para o “agora”, com o objetivo de transmitir informações, ensinamentos, fatores a mais que possam acrescentar, não somente assombrar.

Essa ideia é evidente ao se refletir acerca da relação que há entre as personagens Einar e Steindór, vinculadas por uma situação de cunho traumático para o primeiro. Steindór é uma espécie de padre do vilarejo, figura que possui grande influência naquele meio, conduzindo os pensamentos e, de certo modo, determinando, e mesmo manipulando, o que pode ser visto como certo ou errado:

O Steindór talvez o percebesse. Pedia que todos aquietassem para que pudesse iniciar a conversa. Escolhia textos para ler. Pequenas histórias com moral. Ideias breves para as condutas que eram de inculcar no pouco povo. Haver um povo tão pouco implicava uma disciplina de rigor. (MÃE, 2014, p. 95)

Já Einar é condenado pelas pessoas, definido como um ser “baralhado da cabeça” que “trocava a sua história com a dos outros” (MÃE, 2014, p. 140), ou seja, uma pessoa confusa. Os dois protagonizam um momento dentro da narrativa que resulta em perturbações no âmbito da memória, as quais se direcionam especificamente para Einar.

Consequindo vasculhar as suas memórias, Einar recorda que Steindór é o responsável pela morte de seu pai. Tal questão gera um bloqueio nas memórias da personagem, impossibilitando que esse possa ter entendimento de seu estado, como de seu passado envolto pelo luto. Nota-se que há um apagamento de suas lembranças e, por consequência, de sua identidade¹¹,

¹¹ Tais apontamentos dialogam tanto com a ideia de uma memória manipulada, como a de uma memória impedida, ambas desenvolvidas por Paul Ricoeur. Para Ricoeur, a memória manipulada

ocorrendo essa noção de saturação da memória dita por Robin, do mesmo modo que vai ao encontro da noção de fantasmagoria, pois Steindór age, de certa maneira, como uma assombração para Einar. Atente-se para o trecho abaixo:

As pessoas calavam muito mais do que poderíamos esperar. Estavam acostumadas a calar e o Einar era um segredo de todos, até mesmo dele. [...]

O Einar recuperara a memória. Chegou-se e disse-me: O Steindór e tua tia obrigaram o meu pai a morrer à boca de deus. Não sei o que fazer. Leva-me daqui, por favor. (MÃE, 2014, p. 140)

Assim, permite-se pensar que a memória age como um modo de sempre retomar o passado para Einar, Halla e as demais personagens. Igualmente, também sendo o artifício que intensifica as dores do luto e da melancolia, fazendo com que essas duas categorias perseverem em *A desumanização*, ao ponto de que marcam cada um dos constituintes da narrativa de modo significativo, pois moldam as suas personalidades, como os seus percursos dentro de uma sociedade tradicional e resistente a mudanças¹².

pode ser vista como “excesso de memória, [...] abuso de memória – insuficiência de memória, [...] abuso de esquecimento” (RICOEUR, 2007, p. 94), enquanto que memória impedida está significativamente ligada ao trauma, sendo uma memória “enferma”, que possui “expressões correntes como traumatismo, ferimento, cicatrizes, etc.” (RICOEUR, 2007, p. 83). Desse modo, a personagem Einar pode ser analisada tanto como alguém que sofre do esquecimento, como é atingido por uma intensa dor que o obriga a esquecer.

¹² Destaca-se que, de certa maneira, o ato final do romance possibilita com que se pense uma questão importante. Como se viu, o luto e a melancolia tendem a colocar o sujeito em um estado apático, de mínima reação, não sendo esboçada reações para mudanças. Todavia, Halla adota uma iniciativa que pode significar, se não a tentativa de superar esses males, uma intensão de “enterrar” o seu passado, do mesmo modo que o de Einar. Determinadamente, a personagem incendeia a casa de Steindór, trancando o mesmo do lado de dentro. Isso pode significar uma busca de libertação por parte da protagonista, já que Steindór representava a ordem daquele vilarejo e, por consequência, oprimia através de suas regras. A destruição abre margem para que se reflita sobre, mais do que uma vingança, uma iniciativa de se sobrepor as tristezas e as recordações dolorosas: “Olhei o mundo como palavras. Podia estar apenas passando pelas mais brancas, as mais vazias e longas. Haveriam de acabar. Eu disse: árvore. Embora não estivesse ali nenhuma. Eu disse árvore e foi como se descobrisse o seu segredo. Os fantasmas recuaram e o caminho era só vento e o frio de costume. Não temia as raposas. Sentia-me igual a elas” (MÃE, 2014, p. 151).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se as análises presentes no capítulo anterior, podem-se, nesse momento, serem feitas algumas afirmativas, como fechamentos, de ideias que foram sendo percorridas ao longo do trabalho. Inicialmente, tratando-se da temática do luto, mostrou-se perceptível a forte significação que há no romance entre a perda (especificamente a morte de Sigridur) com o enredo da obra. É a partir disso que, praticamente, boa parte das situações ocorrem para Halla e as demais personagens. Percebe-se uma influência do luto na vida de cada um, o fim do ser querido culmina em lamentos que, a cada momento, tomam maiores proporções.

Por isso, no primeiro subcapítulo se procurou evidenciar a relevância do luto na obra. Não se trata de uma simples morte que, obviamente, afetaria uma família, mas de um evento que marca e persegue as personagens. A protagonista é, curiosamente, definida por aquilo que perdera, demonstrando que a atmosfera da ficção tende a deixar claro a importância do luto, como se esse fosse um fardo que consumisse o enlutado.

Tratou-se, como parte importante, a questão do objeto querido, de tanto apreço, que se transformou no símbolo de uma queda, ou seja, a marca da perda, da falha. Cada um carrega em si os efeitos dessa perda, o incômodo do que lhe causa saber que esse objeto se foi. A figura paterna acaba por se ausentar, a mãe se descontrola emocionalmente, e Halla carrega, literalmente, a imagem da irmã, por ser sua gêmea. Tais pontos vão em direção a problemáticas do luto como a culpabilidade ou a inaptidão para se aceitar esse estado. O luto é o primeiro aspecto que, nesse cenário, controla e dita as ações das personagens.

Através desses raciocínios, viu-se que o sujeito influenciado pelo luto tem em sua vida um primeiro momento de comprometimento de sentido, os propósitos de continuar existindo se desfazem, já que não se possui mais a principal razão para permanecer vivo. O enlutado é, simplesmente, os restos de

uma época em que se tinha o prazer pela vida, que desaparece quando o objeto querido sucumbe.

Desse modo, ocorre um comprometimento das condições emocionais e mentais das personagens. Nota-se em cada uma características que apresentam a submissão para com o luto. Em boa parte dos momentos no romance, evocam-se experiências relacionadas a Sigridur, lembranças ou mesmo o seu nome, pois não ter mais esse ser tão importante para o núcleo familiar coloca as personagens sentimentalmente em destroços, desiludidas.

Colocações as quais conduziram a análise para o próximo patamar, tratando-se da melancolia. Como se comentou, a melancolia é apresentada, para Freud, como um estágio que surge na sequência do luto, definindo-se, principalmente, por uma intensa tristeza. De Starobinski à Freud, passando por Kristeva e Levi, percebeu-se as inúmeras perspectivas quanto à melancolia. Essa condição pode adotar, além da tristeza, a forma de solidão, de temor, depressão ou mesmo obsessão, já que se trata de um sentimento que se concretiza a partir do momento no qual uma experiência emocionalmente impactante influencia o sujeito.

No caso do romance, a melancolia é o fator de maior representação. Têm-se essa agindo em um considerável número de cenas. O pai, perdido, nitidamente sofre; a mãe, mutilando-se, apresenta um alto grau de depressão e obsessão pela filha morta; e Halla, atacada por familiares e membros de seu vilarejo, sente uma solidão constituída pelos “tons” da melancolia, porque a “base de sua felicidade” se desfez.

Há um horror que se propaga na ficção, e a melancolia é a sua causa. Notou-se que ocorre uma instabilidade na vida de cada personagem, sem a consolidação de laços afetivos (com uma leve exceção de Halla e Einar), não havendo espaço para nada que não seja a dor que cada um carrega em si. A melancolia é representada como um “mal” que acomete e coloca esses indivíduos em posições de apatia, hostilidade ou descrença. Pode-se afirmar que, da maneira que se usou das colocações de Benjamin, a pessoa vai em direção a um abismo, e o que a conduz para tal é esse sentimento melancólico.

Logo, a melancolia, advinda do luto, marca-os, redesenhando a realidade de cada um. Se, antes, pensava-se em como existir era prazeroso (usando um raciocínio puramente freudiano), agora a angústia é tanta que somente restam ainda mais constantes lamentos, somados a depreciação de tudo que não seja, ou não esteja, relacionado àquilo que se perdera. As motivações deixam de fazer sentido, pois a melancolia tem a capacidade de desconstruir quaisquer perspectivas de mudança.

Por esse caminho, luto e melancolia constituem os dois principais males que assomam o romance. Devido a eles, os atos de Halla, como de seus pais, são reflexos do peso da morte de um ser querido e do sofrimento que isso acarreta. Os afastamentos e as duras palavras da mãe para Halla, e também os devaneios do pai, são atributos que mostram para a personagem principal como ela está sozinha, tendo somente Einar ao seu lado, sendo esse em alguns momentos insuficiente. Apresenta-se como algo inviável a afetividade em um meio no qual se expressa com tanta força a morte, o abandono e a lamentação, tendo-se seres impotentes quando se trata de superar os seus temores, ou pelo menos conviverem junto à eles.

A proposta desse trabalho, além de refletir em como luto e melancolia modificam e moldam as personagens, foi a de demonstrar a importância que há na ideia de memória, considerando a sua proximidade com as outras duas. Quis-se desenvolver a perspectiva de que é a memória que mantém e fortalece o luto e a melancolia, funcionando a partir das recordações. Se Halla é ofendida e perseguida por aqueles que estão próximos a ela, acusando-a de “egoísmo” por estar viva enquanto que Sigridur está morta, nada mais coerente do que destacar que é a memória da imagem da irmã que partiu, uma recordação do passado, que mantém o cenário desfavorável.

Recordar age como uma constante retomada do luto e da melancolia, um método, tanto consciente quanto inconsciente, de reviver as razões em que se estabeleceu tais sentimentos. Pela ruminação da memória, pensada por Nietzsche, ou o controle do passado sobre o presente, tratado por Robin, a dor da perda continua a ser sentida, a tristeza ainda existe.

A ação de rememorar funciona como um mecanismo de trazer uma vez mais esse passado, mas, no caso da ficção, um passado marcado por um contexto negativo, que acaba por definir o presente de maneira desgastante e desprazerosa. Lembrar é um catalizador das tristezas, são as memórias que mantêm de modo ativo o luto e a melancolia, reforçando-os incansavelmente.

Por isso, as personagens tem em seu caminho o passado, com esse não ficando para trás. Aparenta ser impossível ocorrer uma superação, uma mudança, o ambiente em que estão imersas apenas enfatiza os seus desgostos. A questão a se considerar é de que os constituintes da ficção se encontram prisioneiros de seus próprios males, sendo a memória o fator que os coloca em uma posição de submissão frente ao luto e a melancolia.

Ademais, a noção de fantasma se mostrou importante para o presente estudo. Quando se leva em conta as perspectivas de Agamben e Derrida quanto a esse aspecto, tratando-se de um lembrete das tristezas ou da assombração, respectivamente, evidencia-se como essas personagens são perseguidas por suas dores e pelo seu passado. Com o passar de cada capítulo da obra, depara-se com situações em que Halla, Einar, a mãe, dentre outros, tendem a estabelecer o domínio dessas fantasmagorias, pensando, discorrendo ou suplicando o retorno daquilo que não possuem mais.

O passado de dor apresenta significância no romance, tem-se a presença do “fantasma” de Sigridur assiduamente. Sua imagem ou seu nome sempre estão junto aos demais, demonstrando-se que esses não só necessitam do objeto de valor que ela era, mas também sentem que se encontram submersos em profundas decepções.

Por fim, o livro de Valter Hugo Mãe possibilitou explorar, mais do que as três categorias, a condição humana, com suas relações sociais conturbadas, formadas por vínculos de afeto fragilizados. Lógico que o luto e melancolia, ao atingir o indivíduo, afetam-no em seu papel no âmbito coletivo. Contudo, o que se conseguiu constatar no romance foi que esses três objetos estudados são capazes de estabelecer uma relação próxima, a memória impulsionando o luto e a melancolia que, por sua vez, constituem um todo de sofrimento existencial.

Dessa maneira, as personagens carregam durante o seu percurso infindáveis desgostos que, ao mesmo tempo que as atormentam, também as definem.

REFERENCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: A palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ESTADÃO. *Em novo livro, Valter Hugo Mãe sai de Portugal e adota narração feminina*. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,em-novo-livro-valter-hugo-mae-sai-de-portugal-e-adota-narracao-feminina,1152096>>
Acesso em: 07. jul. 2017.

FREITAS, Angélica Catiane da Silva. *A desumanização: do luto à melancolia no romance de Valter Hugo Mãe*. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/613/1117>>.
Acesso em: 15. jun. 2017.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund. *Neurose, psicose, perversão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. São Paulo: Autores Associados, 2012.

GUIMARÃES, Thiago Maciel. *As desdobras da morte em A desumanização, de Valter Hugo Mãe: entre espelhos e narrativas*. Disponível em: <https://bdtd.ufs.br/bitstream/tede/3330/2/THIAGO_MACIEL_GUIMARAES.pd>
. Acesso em: 15. jun. 2017.

JORNAL DE NOTÍCIAS. *Valter Hugo Mãe anuncia lançamento de "A Desumanização" no Brasil em 2014*. Disponível em:

<<http://www.jn.pt/artes/interior/valter-hugo-mae-anuncia-lancamento-de-a-desumanizacao-no-brasil-em-2014-3430903.html>>. Acesso em: 07. jul. 2017.

KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

MÃE, Valter Hugo. *A desumanização*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

PORTO EDITORA. *Valter Hugo Mãe na Islândia para lançar A desumanização*. Disponível em: <<https://www.portoeditora.pt/noticias/valter-hugo-mae-na-islandia-para-lancar-a-desumanizacao/110022>>. Acesso em: 07. jul. 2017.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

ROBIN, Régine. *A memória saturada*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2016.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. São Paulo: EDIPRO, 2014.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. *A desumanização: as metamorfoses do corpo e da alma na obra de Valter Hugo Mãe*. Disponível em: <www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2015/10/091.pdf>. Acesso em: 15. jun. 2017.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. *Os fiordes da literatura: o duplo em A desumanização, de Valter Hugo Mãe*. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/4722>>. Acesso em: 15. jun. 2017.